

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

DANIELA ZOMER

MODA, ARTE, CINEMA E SUAS INTER-RELAÇÕES

CRICIÚMA, JULHO DE 2011

DANIELA ZOMER

MODA, ARTE, CINEMA E SUAS INTER-RELAÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
bacharel no curso de Artes Visuais da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientadora: Prof^a. Angélica Neumaier

CRICIÚMA, JULHO DE 2011

DANIELA ZOMER

MODA, ARTE, CINEMA E SUAS INTER-RELAÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Angélica Neumaier - (UNESC) – Orientadora

Prof. MSc. Paulo Barrios - (UNESC)

Prof. Esp. Clóvis Ferreira Ferrari - (UFSM)

Minha dedicatória é direcionada a uma pessoa em especial, minha mãe D. Zelina, pelo exemplo de caráter e dignidade, e por ter acendido a faísca que desencadeou meu amor pela moda.

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa para qual devo muitos agradecimentos é minha mãe D. Zelina, foi por ela que descobri primeiramente a costura, e posteriormente vim a me interessar por esse universo tão rico que é a moda, por ser meu exemplo em todos os momentos, mulher mais guerreira estou por conhecer.

Ao meu Pai S. Loro, por toda a ajuda, pelas caronas todos os sábados de orientação, pelos “troquinhos” emprestados quando dinheiro era pouco para o xerox, e por tantas outras coisas que junto com minha mãe ele fez, para que eu conseguisse terminar o curso e me tornar a pessoa que sou.

A minha irmã Denise digo que, sua companhia na faculdade, tornou este percurso muito mais prazeroso, as idéias trocadas, as experiências... essas nunca morrerão. Obrigada por simplesmente ser minha irmã e me fazer tão bem.

Aos meus irmãos Claudio e Cristiano, agradeço por toda a força, pelo incentivo e por acreditar que eu seria capaz.

A minha sobrinha Amanda agradeço pelo chocolate, pelo sorriso, pela alegria, pela bagunça e companhia em muitas noites de TCC.

A Angélica minha orientadora não tenho palavras, muito mais que sabedoria para me orientar, ela teve paciência para me ouvir. Ouvir meus problemas e dúvidas e por nunca titubear quando lhe solicitei ajuda, atitudes como as dela me servem como exemplo e com certeza levarei para o resto da vida.

Meu namorado Uilian, a este agradeço imensamente, por todos estes anos de companheirismo e amor, pela paciência de entender minhas ausências, e pela enorme bondade que tem dentro de seu coração. Agradeço por sempre me mostrar que nunca estou sozinha.

Por último, agradeço a essa força maior que rege o mundo, por me dar forças para caminhar e nunca desistir.

“Vista-se mal e notarão o vestido. Vista-se bem e notarão a mulher.”

Coco Chanel

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “ Moda, Arte, Cinema, e suas inter-relações”, apresenta como problema de pesquisa analisar as inter-relações existentes entre a Arte, a Moda e o Cinema e mostrar de forma clara como essa relação se dá. Mostrar a importância da Arte e da Moda para a sociedade, e como influenciam nossas vidas. Para ter as respostas destes questionamentos me utilizei de pesquisa bibliográfica para esclarecer as questões levantadas. A produção artística englobará os três temas especificamente, juntamente com a semiótica, peça chave da produção. Ao fim dos estudos tenho as respostas para meus questionamentos, além de criar uma metodologia para a elaboração do trabalho de arte.

Palavras-chave: Moda. Arte. Cinema. Tendência. Semiótica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Moda de 1910 e 2011	18
Figura 02: Vestido para Visitas da Imperatriz Maria Feodorova (Rússia) - 1880.	21
Figura 03: Ilustração da Crinolina.	22
Figura 04: Traje de ciclismo ano de 1880.	24
Figura 05: Figurino de Lily Elsie em “A Viúva Alegre” de 1907.	25
Figura 06: Figurino de Shéhérazade.	26
Figura 07: Corte de cabelo estilo à la garçonne.	28
Figura 08: Imagem de divulgação do filme Juventude Transviada.	32
Figura 09: Camiseta Ban the Bomb.	33
Figura 10: Camiseta Green Peace e Projeto TAMAR.	33
Figura 11: Camiseta com estampa do revolucionário Che Guevara.	34
Figura 12: Exemplos de estampas exclusivas.	35
Figura 13: Adeptos da filosofia punk.	36
Figura 14: Esquema explicativo de tendências, criação da autora.	38
Figura 15: Mona Lisa, obra de Leonardo da Vinci, iniciada em 1503, acabada em 1507.	40
Figura 16: Imagem publicitária do filme laranja mecânica de 1971.	45
Figura 17: Filme intitulado The chelsea girls - episode 7	46
Figura 18: Filme intitulado Eat.	48
Figura 19: Ilustração dos três pólos de um signo.	48
Figura 20: Cartaz de divulgação do filme Em nome de Deus.	52
Figura 21: Cena do filme onde vemos claramente um signo, a cruz.	53
Figura 22: Cartaz de divulgação do filme, Onze homens e um segredo.	54
Figura 23: vestido tomara-que-caia de cetim exemplo de moda ditada pelo cinema.	56
Figura 24: Uma das roupas usadas por Diane Keaton em Noivo neurótico, Noiva nervosa.	57
Figura 25: Cena com o vestido usado no filme O pecado mora ao lado.	58
Figura 26: Cena do filme Uma linda Mulher.	59
Figura 27: Modelos usados por Jenifer Lopez e Kate Hudson.	61
Figura 28: Comparação dos modelos da coleção de inverno da Damyller 2011.	62
Figura 29: Comparação dos modelos da coleção de inverno da Damyller 2011.	63

Figura 30: Imagens do catálogo verão 2010 da marca Planet Star.....	64
Figura 31: Imagens do catálogo verão 2010 da marca Planet Star.....	64
Figura 32: Imagem de divulgação do filme Alice no País das maravilhas de Tim Burton.	66
Figura 33: Algumas versões da história de Alice no País das Maravilhas.	68
Figura 34: Cartaz de divulgação do filme A Lenda do cavaleiro sem cabeça.	70
Figura 35: Cartaz de divulgação do filme Os Fantasmas se divertem.	71
Figura 36: Desenho de Tim Burton para o filme Edward mãos de tesoura.	72
Figura 37: Desenho de Tim Burton para o filme Noiva cadáver.	72
Figura 38: Desenhos de Tim Burton.....	73
Figura 39: Desenhos de Tim Burton.....	73
Figura 40: Desenhos de Tim Burton.....	74
Figura 41: Desenhos de Tim Burton.	74
Figura 42: Trecho de fala do filme.....	75
Figura 43: Coelho Branco, personagem do filme Alice no País das maravilhas.	76
Figura 44: Alice caindo no buraco, personagem principal do filme Alice no País das maravilhas.	76
Figura 45: Ratinha Branca,e os gêmeos Twiddle Dum e Twiddle Dee personagens do filme Alice no País das maravilhas.	77
Figura 46: Absolom, personagem do filme Alice no País das maravilhas.	78
Figura 47: Trecho de fala do filme.....	78
Figura 48: Bandersnatch. personagem do filme Alice no País das maravilhas.	79
Figura 49: Rainha Vermelha,e o Gato Risonho, personagens do filme Alice no País das maravilhas.	79
Figura 50: Lebre de Março, personagem do filme Alice no País das maravilhas.	80
Figura 51: O Chapeleiro Maluco, personagem do filme Alice no País das maravilhas.	80
Figura 52: Rainha Branca, personagem do filme Alice no País das maravilhas.	81
Figura 53: Trecho de fala do filme.	81
Figura 54: Jabberwok, personagem do filme Alice no País das Maravilhas.	82
Figura 55: Trecho de fala do filme.	83
Figura 56: Desenhos a mão para elaboração do modelo a ser produzido, desenho nº 01.	87
Figura 57: Desenhos a mão para elaboração do modelo a ser produzido, desenho nº 02.	88

Figura 58: Desenhos a mão para elaboração do modelo a ser produzido, desenho nº 03.	89
Figura 59: Corte e a costura do modelo.	90
Figura 60: Aplicação do tule e de arames internos.	90
Figura 61: Pintura do modelo com tinta spray prata.....	91
Figura 62: Aplicação dos zíperes e aviamentos.	92
Figura 63: Aplicação de papel laminado na peça.....	92
Figura 64: Fixação das placas com as falas do filme.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Tabela de versões da história de Alice no País das Maravilhas.....	67
Tabela 02: Tabela de pesquisa de materiais.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

MOMA – Museum of Modern Art

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA	15
3 MODA, PRIMEIROS PONTOS.	17
3.1 A Costura e o nascimento da moda	20
3.2 A Moda manifestando a identidade	31
3.3 As Tendências	38
4. O CINEMA – CENA UM, AÇÃO!	44
4.1 O Cinema e a Arte.	44
4.2 Arte Contemporânea	48
4.3 A semiótica no cinema.....	50
4.4 O cinema como ditador e difusor da moda – Os criadores	54
5 EDIÇÃO DE IDÉIAS – CONSTRUINDO O OBJETO ARTÍSTICO	66
5.1 A base – Alice no país das maravilhas.....	66
5.2 A leitura semiótica – e lá vão meus pensamentos... ..	75
5.3 A construção	84
6 CONCLUSÃO	94
REFERÊNCIAS.....	96

1 INTRODUÇÃO

A moda a muito me instiga como forma de expressão e manifestação de identidade. Ela reflete os acontecimentos da sociedade a nossa volta e através dela podemos facilmente identificar grupos, etnias, faixa etária, entre outras coisas. É uma área a qual eu me identifico e procuro sempre estudar e pesquisar.

Outro fato para que eu me interesse pelo assunto, é o de minha mãe ser costureira há quase 30 anos, então, desde sempre acompanho a evolução da moda por suas mãos. Desde que eu e minha irmã nascemos a maior parte de nossas roupas é ela quem produz. Então para mim sempre foi normal desenhar as roupas para que ela costurasse.

Como se sabe a moda sofre influências de várias áreas, é efêmera e uma forma universal de comunicação que atinge um grande número de pessoas.

Outra área que sou particularmente fascinada é pelo cinema, principalmente pelo poder que este possui de aflorar sentimentos. Os musicais, em particular, são os que mais me apaixonam, por sua beleza.

Fazendo uma conexão entre Arte, Moda e Cinema, noto que ambas as linguagens são incrivelmente ricas num olhar artístico. Quem nunca se emocionou ao ver um belo filme, ou se questionou tentando entender a mensagem que este passava ou ainda se deixou influenciar por ele. E ainda, quem nunca escolheu uma roupa no intuito de querer passar alguma mensagem específica, demonstrar através dela seu estado de espírito por exemplo.

A arte contemporânea por sua vez, aparece questionadora, inquietante, e assim como a moda e o cinema tem o poder de prender a atenção, de passar uma mensagem.

A Arte, a Moda e o cinema então se mostram de grande importância para mim, como acadêmica e penso que também para a sociedade.

Ao refletir sobre isso, decidi unir os temas para um maior aprofundamento. O que pretendo com esta pesquisa é saber se um influencia o outro, mais especificamente se ocorre inter relações entre estas, e como isso se dá.

Penso que o tema de minha pesquisa venha a contribuir na área das Artes Visuais, por ser uma forma criativa de trabalho, onde um assunto conversa com outro para a obtenção de um único resultado. Com esta conversa muitas áreas

são beneficiadas, inclusive a sociedade que é presenteada com arte, cultura e criatividade.

Por ser uma pesquisa do bacharelado, será uma pesquisa em arte e necessitará de uma produção artística, irei propor a elaboração de uma peça com a junção dos três pontos em questão – Arte , Moda e Cinema – será confeccionada atrás da moda uma peça artística que terá inspiração na leitura dos signos de um filme específico.

O filme em questão será Alice no País das Maravilhas de Tim Burton. Penso nesta produção artística pelo fato de minha mãe trabalhar na área , conseqüentemente estou diretamente ligada a este mundo, e também, para provar que a união da arte com a criatividade pode render bons resultados.

O trabalho de pesquisa se fundamentará em seis capítulos. No capítulo intitulado “MODA, primeiros pontos”, trago um pouco da história da mesma, e posteriormente a mostro mais específica. Estudo esse que se baseará nas teorias de autores como Lipovestsky que trás conceitos sobre a moda, Shulte que traça uma fala muito importante sobre moda e arte.

Ainda sobre a história da moda e como ela reage no decorrer do tempo, trago as falas de Grumbach e Laver. Também neste capítulo abordarei temas como a identidade através da moda, à partir de Dualibi e Lurie, e falarei sobre as tendências me baseando nas idéias de Caldas e Morin.

No capítulo seguinte chamado “CINEMA, cena um, ação”, tratarei do cinema pelo olhar da semiótica através de teorias de Santaella, Lotman e Joly. Falarei também sobre Cinema e Arte, Arte Contemporânea, e do Cinema como ditador e difusor da moda, para isso me amparo em estudiosos como Archer, Cochiaralle, Lipovetsky, Honeff, entre outros.

No penúltimo capítulo tratarei enfim da criação do objeto artístico, sua elaboração e proposta final de exposição.

O último capítulo trará uma conclusão sobre a pesquisa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa intitulada: “Moda, Arte, Cinema e suas inter-relações”, inscreve-se na linha de Pesquisa Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais - Bacharelado da UNESC.

Explanando um pouco sobre pesquisa científica trago a seguinte observação:

As ciências se distinguem pelo conjunto de dados que privilegiam pelos raciocínios com eles construídos e pelas conclusões que apresentam. É isto que forma o seu objeto. Nesse sentido, qualquer assunto, pode ser tratado por qualquer ciência. Por isso, é muito importante que seja definida a área do saber, a ciência, de cujo conteúdo se extrairão os dados essenciais e sob cujo ponto de vista se desenvolverão os raciocínios e conclusões da investigação que se pretende (MARTINS, 2004, p. 82).

A pesquisa propõe a seguinte problemática: Quais as inter-relações existentes entre Arte a Moda e o Cinema?

A mesma visa, de modo geral, a investigação de se, realmente esta influência ocorre.

Num recorte mais minucioso procurarei analisar questões que de certa forma nortearão a pesquisa. Aprofundarei os estudos teóricos sobre arte e ciência, analisarei como se dá o surgimento dessas influências, e ainda, como a arte vem contribuir para tudo isto.

A pesquisa se sustentará em uma investigação de dados extraídos de livros, revistas e outros meios escritos, será uma pesquisa bibliográfica, como explica Martins:

A pesquisa bibliográfica é o ponto de partida de toda pesquisa, levantamento de informações feito a partir de material coletado de livros, revistas, jornais, artigos, sites da internet e em outras fontes escritas e devidamente publicadas (MARTINS, 2004, p. 86).

Como a pesquisa não fará uso de métodos estatísticos e sim da interpretação de fenômenos, será qualitativa. Como conceito da mesma Minayo . (1994, p.20), nos diz que “A pesquisa qualitativa responde a questões mais

particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificada” Será uma pesquisa aplicada que como explica Silva (2001, p.20), consiste na pesquisa que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos a soluções de problemas específicos”.

Também se define como pesquisa exploratória.

Visa proporcionar mais familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito e a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, análise de exemplos que estimulem a compreensão. (SILVA, 2001, p. 210).

Será uma pesquisa em Arte, pois ao final de todo o trabalho de construção teórica, será elaborada uma peça artística como resultado. Para Zamboni (2006, p.5) “de uma maneira ampla, pesquisa em arte é qualquer pesquisa que se desenvolva no campo das artes”. Produção esta que consistirá na construção de uma peça artística de moda, que terá inspiração no filme Alice no país das maravilhas de Tim Burton.

Busco com isso fazer a conexão na prática entre a inspiração vinda cinema para ter uma produção de moda artística.

Procuro com isso contribuir significativamente para as artes, como exemplo de método de criação a ser seguido. E também para que de alguma forma a sociedade passe a encarar o cinema a arte e a moda com mais seriedade, entendendo que as três manifestações são de mais pura importância.

A Pesquisa se realizará no período de março a junho de 2011.

3 MODA, PRIMEIROS PONTOS.

Como se sabe, a preocupação do homem com relação as vestimentas data da época das cavernas, com a necessidade do homem primitivo se proteger das temperaturas. Mesmo datando desta época que ao primeiro olhar pode parecer tão longínquo, para Kalil (2004, p. 12) “este é um fenômeno relativamente novo na história da humanidade, se considerarmos a preocupação do homem com a roupa desde a época das cavernas.”

Então a partir do século XIV, o homem começa a sentir a necessidade de se diferenciar dos demais indivíduos. A moda passa então a ser forma de ser, pensar e agir, ou seja, ela fala sobre nossa personalidade.

Kalil (2004, p. 12), ainda afirma que: “A moda hoje é o que a indústria e os estilistas propõem para uma estação ou um período de tempo. É um sistema de renovação permanente das maneiras de se vestir e de se comportar”.

Dorfles (1984, p. 13) , nos diz que “[...] existe ainda, o facto de a Moda não ser apenas um fenómeno frívolo, epidérmico, superficial. Mas ser o espelho dos hábitos, do comportamento psicológico do indivíduo, da profissão, da orientação política, do gosto...”.

Ao contrário do que a maior parte dos consumidores pensa, a moda vai muito além de vestir o homem, ela possui uma característica muito forte de identificação do indivíduo. Identificamos facilmente raças, idades, religiões através das roupas, e também a personalidade de cada pessoa.

Outro conceito importante sobre moda que Lipovestsky nos dá, é o seguinte:

A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletiva; é sua pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu curso histórico, chegou ao topo de seu poder, conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem, era periférica, agora é hegemônica [...] (LIPOVESTSKY 1987, p. 12)

Aqui temos mais uma vez a noção do quão importante se faz a moda, quando deixa de ser vista em segundo plano, e passa a ser valorizada como algo importante e relevante na sociedade com um todo.

Voltando um pouco ao pensamento de Dorfles, Schulte (2002, p. 49), afirma que, “A moda é uma linguagem simbólica, e sua simbologia ultrapassa esta simples função e passa a ser uma forma do indivíduo se expressar e se comunicar socialmente, assim como acontecia com o homem primitivo”.

A moda se mostra efêmera, pois tem um ritmo de mudanças muito grande, a cada estação novas tendências, mas sempre mostrando o retrato de uma época.

Se na moda de 1910 eram as amplas e volumosas saias que faziam as cabeças das mulheres, em 2011 vemos o oposto, o que está em voga são os comprimentos curtos e os modelos justos ao corpo.

A moda assim como a arte, tem uma relação direta com o contexto de uma época. Seu caráter efêmero, está associado ao desejo contínuo da sociedade por mudanças, principalmente nos dias atuais, onde coisas novas são criadas a todo o instante. (SHULTE, 2002, p. 49)



Figura 01: Moda de 1910 e 2011
Fonte: Criação da autora

Mas não achemos que a moda seja menos importante por conta deste trânsito frenético que ocorre de tendência em tendência. Essas mudanças acontecem juntamente com as mudanças da sociedade, que se mostram cada vez mais aceleradas, e também pela impermanência das coisas na contemporaneidade.

Por ser efêmera, não significa que a moda seja frívola. A partir de Einstein, a noção da impermanência de tudo, inclusive do homem, teve um impacto muito grande sobre o indivíduo e a sociedade. Esta noção justifica de certa forma, o caráter efêmero da moda. (SHULTE, 2002, p. 49)

Se há algumas décadas atrás, as mulheres se vestiam quase que uniformizadamente, atualmente isso não ocorre mais, exatamente por ocorrência de tantas opções a mão. Cada pessoa é única, com suas idéias e valores e, no estilo de ser.

A moda, atualmente, sugere muitas opções, não havendo uma padronização no que é moderno vestir. Essa adversidade tem a ver com a impermanência das coisas e com a valorização da pessoa enquanto indivíduo. Cada pessoa se veste de acordo com a sua personalidade. O mais importante é a criatividade, de quem cria as roupas e de quem as veste. (SHULTE, 2002, p. 49)

Mas se por um lado essas mudanças se mostram tão rápidas, Lipovetsky (1989, p. 31), nos diz que “A moda muda incessantemente, mas nem tudo nela muda”.

Ao afirmar isso nos abre espaço para que pensemos sobre o assunto, afinal se nem tudo muda, o que é que muda? Ele continua nos dizendo que “As modificações rápidas dizem respeito sobretudo aos ornamentos e aos acessórios, às sutilezas dos enfeites e das amplitudes, enquanto a estrutura do vestuário e as formas gerais são muito mais estáveis”.

O que ele nos diz com isso é que a moda muda com cautela, ou seja, vai se modificando aos poucos até chegar em um ponto que a verdadeira mudança ocorre.

A mudança de moda atinge antes de tudo os elementos mais superficiais, afeta menos freqüentemente o corte de conjunto dos trajes. O *verdugadim*, essa armadura em forma de sino que arma o vestido, surgido na Espanha por volta de 1470, só será abandonado por volta da metade do século XVII.

São os adornos e as bugigangas, as cores, as fitas e as rendas, os detalhes de forma, as nuances de amplitude e de comprimento que não cessam de ser renovados [...]. (LIPOVETSKY, 1989, p. 32)

Isso deixa claro então, que a moda muda, isso é fato, mas que as mudanças bruscas levam anos ou até décadas para acontecerem.

3.1 A Costura e o nascimento da moda

Para falar sobre o nascimento da moda, é impossível deixar de falar da costura. É partir daí que nasce a moda tal qual a conhecemos hoje.

Na antiguidade, por volta do século XVII, a costura era um domínio exclusivamente masculino, às mulheres sobravam apenas o título de meras ajudantes. O que se mostra curioso num primeiro momento, pois atualmente sabemos que este se mostra uma tarefa muito mais feminina que masculina.

Até o século XVII, o status das costureiras é mais que modesto, ela faz concertos e ajustes para alfaiates e camiseiros, embora algumas consigam, no maior sigilo, construir uma rede de clientes. Com efeito, somente os mestres alfaiates têm legitimidade para vestir homens e mulheres. Ocorrem então perseguições impiedosas, dignos de caça às bruxas, contra as costureiras contraventoras, multiplicando-se as multas e apreensões, em seus domicílios, de tecidos e trajés. (GRUMBACH, 2009, p. 15)

Como se vê a situação da mulher na função de costureira era repudiada pela sociedade da época.

Mas em certo momento esta situação é quebrada, por se alegar que, seria de bom tom poder escolher pessoas do mesmo sexo para a confecção das vestimentas quando julgassem apropriados. Contudo, eram proibidas de comercializar tecidos e eram divididas em quatro diferentes categorias, que eram as costureiras de vestuário, a costureira de roupas infantis, a de camisaria e a de acabamentos, cada qual desempenhando sua distinta função.

Somente em 1872 as mesmas ganham o direito de competir com os alfaiates na confecção de peças específicas como corpetes e espartilhos.

Entre os nomes que despontam nessa época podemos citar Rose Bertin,

Madame Palmyre entre outras.

Ocorre uma evolução na moda neste momento, mas embora evolua, somente depois da Revolução de 1848 com o surgimento em Paris de um inglês, que ocorre uma significativa mudança nessa cena. Este Inglês chamado Paul Poiret é intitulado o fundador da alta costura, ele viria para revolucionar o modo de criar a moda.

Além de Paul Poiret, podemos destacar alguns outros nomes significativos da época, como Charles Fréderich Worth, que começa sua carreira em 1838, quando se muda para Paris e dá início a uma história de sucesso.

Worth revoluciona a ter a idéia de expor seus modelos às clientes, através de modelos que na época denominavam-se “sósias”.

Através de suas palavras define seu trabalho, ele diz: “Meu trabalho não é apenas executar, mas principalmente criar. A criação é o segredo do meu sucesso. Não quero que as pessoas encomendem suas roupas. Se encomendassem, eu perderia metade do meu comércio”, afirma ele.

De alguma maneira Worth deixa sua marca na história, pois começa a nascer uma idéia de criar, de compor a roupa e não apenas copiá-la, começa a nascer aí uma nova filosofia, a filosofia da moda.



Figura 02: Vestido para Visitas da Imperatriz Maria Feodorova (Rússia) - 1880.
Fonte: <http://cadernodemoda.blogspot.com/2011/01/charles-worth-3-1880-1885.html>

Em 1850 vemos surgir a moda das grandes saias rodadas, efeito potencializado pelo grande número de anáguas que eram usadas sob as roupas. Tanto exagero tornava o peso das vestimentas quase impossível de suportar, em 1856 foram substituídas pela chamada “crinolina de armação”¹, ou também chamada de anágua de arcos, que se apresentava de forma mais usável para as mulheres.

[...] mas a nova crinolina era algo muito mais científico, porque a tecnologia estava suficientemente adiantada para que os fabricantes pudessem fornecer arcos flexíveis de aço que podiam formar uma peça separada, presa à cintura costurada na anágua. (LAVÉ, 1989, p.178)

A invenção da crinolina foi à libertação para as mulheres, pois assim elas poderiam caminhar com as pernas livres, estas que ainda não podiam ser vistas, por isso era costume usar pantalonas de linho compridas com renda nas barras, para o caso de alguma eventualidade.



Figura 03: Ilustração da Crinolina.

Fonte: <http://modadesubculturas.blogspot.com/2010/09/lingerie-historica-parte-4.html>

¹ A crinolina de armação, consiste em oito aros de forma circular feitas de arame de aço flexível.

A crinolina tornou-se um símbolo do distanciamento das mulheres, era como se dissesse: não se aproximem, pois ficava impossível aproximar-se de tão grande armação, que se tornava frágil ao toque, ou seja, se pressionada de um lado, o outro conseqüentemente era projetada para cima. Então se deu a criação do novo calçado feminino, as botas, pela obsessão dos homens pelos tornozelos que eram desvelados pela crinolina, essa foi a forma encontrada para que os tornozelos continuassem cobertos.

A moda da crinolina durou aproximadamente 15 anos, em meados da década de 1860 a crinolina sofre mudanças, em 1868 novas mudanças ocorrem e esta se muda para trás, não restando mais que meia crinolina. Enfim no final da década de 1860 a peça se resumiu a uma espécie de anquinha, que consistia em um volume na parte de trás próxima a cintura.

Em meados de 1870 ocorrem duas grandes inovações: a invenção da máquina de costura e as tintas à base de anilina. As mulheres então abandonam as cores sóbrias e passam a se vestir com tons vibrantes e chamativos. O vestido por sua vez igualmente sofre mudanças nos modelos, eram feitos de duas formas, ou inteiros (chamados estilo princesa) ou feitos com corpete e saias separados.

Surge em 1881 um movimento chamado Traje Racional, que protestava contra o aspecto não natural da moda, seu alvo de protesto eram principalmente os espartilhos quase que sufocantes e as grandes camadas desnecessárias de tecidos nas saias.

Aos poucos tais trajes foram mudando, principalmente pela vida mais ativa das mulheres, o que exigia roupas mais confortáveis. Vemos também nessa época a valorização dos esportes, tanto homens quanto mulheres começavam a usar roupas especiais para praticá-los.

Cada esporte exigia seu traje especial, um exemplo é o traje de ciclismo que se apresenta sobre a forma de uma calça justa até os joelhos e um paletó muito justo com estilo militar.

Enfim a anquinha também desaparece e com ela também os drapeados horizontais das saias. Os vestidos agora se mostram mais ajustados, pois são lisos sobre os quadris, as saias são em forma de sino e apresentam uma calda.

A gola alta é adotada para uso de dia, e vê-se o aparecimento de grande quantidade de rendas usadas nos trajes.



Figura 04: Traje de ciclismo ano de 1880.
 Fonte: <http://curitibacyclechic.blogspot.com>

Enfim a anquinha também desaparece e com ela também os drapeados horizontais das saias. Os vestidos agora se mostram mais ajustados, pois são lisos sobre os quadris, as saias são em forma de sino e apresentam uma calda.

A gola alta é adotada para uso de dia, e vê-se o aparecimento de grande quantidade de rendas usadas nos trajés.

Na década de 1890 vê-se uma grande mudança de valores, a estrutura social se modificava. A era vitoriana² estava chegando ao fim.

Em 1900 temos o início da era Eduardiana, também conhecida como La belle époque, chamou a atenção pela extravagância, tudo era maior que o normal, gastava-se muito, aconteciam inúmeros bailes tudo para agradar ao rei³.

E como a moda é o reflexo da sociedade, não poderia deixar de sofrer as conseqüências destas mudanças, as mulheres usavam espartilhos que ressaltavam o busto e jogavam os quadris para trás, criando assim a chamada postura em “S”.

A renda se torna um tecido muito explorado no meio de tanta

² A Era Vitoriana no Reino Unido foi o período do reinado da Rainha Vitória, em meados do Século XIX, a partir de Junho de 1837 a Janeiro de 1901.

³ A Era eduardiana é o período de 1901 a 1910 no Reino Unido, durante o reinado do Rei Eduardo VII.

extravagância, eram usados em cascata em todo o decote, que a noite em contrapartida ao dia onde as mulheres se velavam até as orelhas, se mostravam extravagantes e reveladores.

Coisa comum também nesta época era o uso de luvas e chapéus, havia certa loucura por plumas de avestruz que enfeitavam os mesmos. Os tecidos preferidos eram o chifom, crepe da China, o tule entre outros.

Muitos vestidos eram bordados, ou pintados à mão, num trabalho minucioso.

Outro costume que se mostrava muito representativo é o corte em estilo masculino usado pelas mulheres. Este costume se deu pela necessidade de uma roupa prática, já que a mulher despontava para algumas profissões como balconista e datilógrafa, e seria quase impossível desempenhar tais funções com tão grandiosos vestidos de festa.

Em 1907 temos o lançamento do filme *A viúva alegre*, que apresenta figurino feito por Lady Duff – Gordon, que cria o traje da atriz Lily Elsie, ela que mais tarde viria a trabalhar com Poiret.



Figura 05: Figurino de Lily Elsie em “A Viúva Alegre” de 1907. Fonte: <http://tertulhas.blogspot.com/2010/04/viuvas-menos-e-mais-alegres-revisitando.html>

Em 1908 a silueta feminina começa a mudar. A postura em “S” a se suavizar. Começava-se a usar um modelo que dava a ilusão de quadris mais estreitos, era o chamado vestido império, os chapéus se mostram maiores.

Em 1910 acontece uma mudança importante nas roupas femininas. Muito se especula o porque desta mudança, mas acredita-se que o balé Russo seja um dos responsáveis. Após a apresentação de uma peça chamada *Schéhérazade*, acontece uma onda de orientalismo.

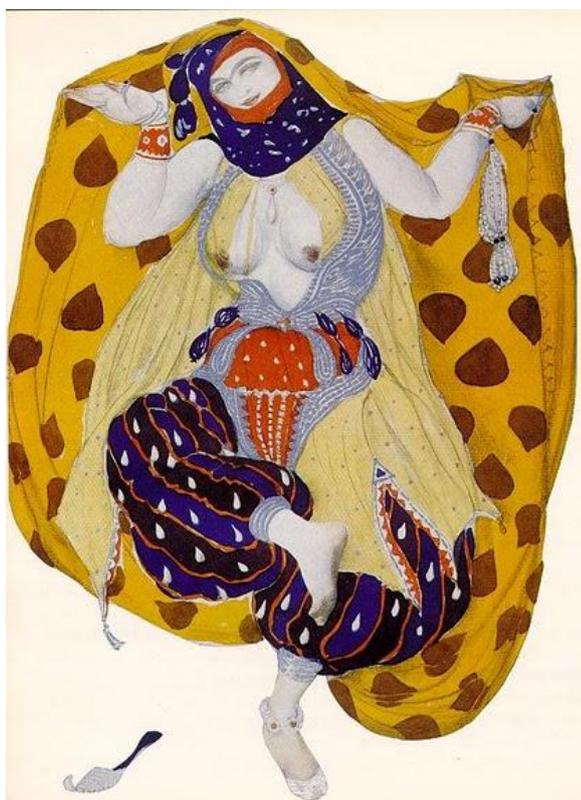


Figura 06: Figurino de Schéhérazade.
Fonte: Acervo da autora.

Usavam-se cores fortes, as cores pastéis da era Vitoriana foram deixadas de lado, as saias em forma de sino e os corpetes sufocantes foram de vez abandonados. O que se viu foram o uso de saias muito estreitas que impediam que a mulher desse passos maiores que 5 ou 8 cm. Agora a silueta da mulher era um triângulo com a base para cima, a renda cai e dá espaço a um novo acessório: os botões.

Em 1913 as golas foram abandonadas e quem rouba a cena agora é o

decote em V, este condenado por se alegar exibição indecente e um perigo a saúde, segundo os médicos.

Mais uma mudança ocorre na linha geral do vestuário feminino, sob a saia justa, usa-se agora uma saia que lembra uma túnica, que ia até abaixo dos joelhos. Os chapéus também se modificam, voltam a ser pequenos e bem ajustados a cabeça.

A veste mais uma vez se mostra muito incômoda às mulheres que trabalham, por isso elas abandonam a saia, e usam somente as túnicas.

A Primeira Guerra Mundial dá um solavanco na moda, que se torna simples e tenta criar um vestido padrão para todas as ocasiões.

Já depois da guerra, em 1919 as vestes tomam a forma de barril. A cintura desaparece por completo e o que se vê é a cintura em torno dos quadris. O busto passa a ser de menino, as mulheres chegam a usar achatadores para estarem na moda.

Enfim em 1925 cria-se a saia curta que traria a discórdia e que seria condenada na Europa e na América.

Foram condenadas na Europa e na América, e o Arcebispo de Nápoles chegou a anunciar que o recém – ocorrido terremoto em Amalfi se devia à ira de Deus contra uma saia que apenas cobria os joelhos. O *establishment* secular foi igualmente abalado, principalmente na América, e, não intimidado pelo fato de que leis suntuárias tiveram apenas um efeito mínimo através da história, os legisladores de vários estados americanos tentaram uma vez mais impor sua própria visão de moralidade. Em Utah, um projeto de lei previa multa e prisão para quem usasse nas ruas “saias de comprimento inferior a 8 centímetros acima dos tornozelos”, e um projeto de lei em Ohio tentava proibir qualquer “mulher acima de catorze anos de idade” de usar “uma saia que não chegue à parte do pé conhecida como arco”. (LAVÉ, 1989, p.232)

Mas todo esse esforço se mostra ter sido feito em vão. Nasce uma nova mulher com traços andrógenos, as mulheres procuravam ter a aparência de rapazes, para isso cortaram os cabelos curtos, quase na linha da cabeça.

Em 1927 nasce um novo corte o *à la garçonnette*⁴, agora só o que distinguia homens de mulheres era a cor de batom nos lábios e lápis para realçar as sobrancelhas.

⁴ Consiste num corte na altura das orelhas, com o pescoço nu, e franja curta e quadrada.



Figura 07: Corte de cabelo estilo à la garçonne.
Fonte:<http://www.belezanaweb.blog.br/>

Com todas estas mudanças alguns estilistas acabam ficando para trás e alguns até fechando suas portas, nomes como Doucet e Poiret, que fizeram a glória na belle époque não suportam tantas mudanças. Em contrapartida alguns novos nomes aparecem, Madame Paquin, Madeleine Vionnet, mas o grande nome que viria revolucionar a década de 20 é Coco Chanel.

Além, de sua genialidade na moda Madame Chanel também era amiga de artistas renomados como Picasso e Stravinsky.

No final da década de 20 as saias ficam ainda mais curtas, mas isso não agradou os fabricantes de tecido que conseqüentemente viriam a vender menos tecidos. Houve uma tentativa de deixar as saias longas novamente, a tentativa começa pelos vestidos de noite, e com a chegada do fim da década, as saias voltam a ser longas e a cintura volta ao lugar, e os cabelos voltam a crescer.

Tudo isso acontece mas sem os exageros das décadas anteriores, o ideal do corpo da mulher é ter os ombros largos e os quadris estreitos, no início da década de 30 o ponto de atenção deixa de ser as pernas e passa a ser as costas, que se mostram nuas até a altura da cintura.

Nesta época destaca-se também evolução nas roupas de banho e de esportes, e aumenta a semelhança entre as roupas de classes diferentes isso acontece entre outros motivos pelo uso de tecidos sintéticos.

Às sombras da Segunda Guerra Mundial a moda sofre novas mudanças, acontece uma nova onda de romantismo nos vestidos de noite, já os de dia tomam caminho diferente, eram mais curtas e franzidas no estilo camponês. O espartilho volta a aparecer, mas em versão mais leve e pequena.

Então em 1914 sob as nuvens negras da guerra, a moda que reflete todos os acontecimentos, é contaminada pela mão de obra limitada e pela escassez de tecidos, principalmente na Inglaterra. Mas apesar de tudo isso, os modelos estavam sempre em mudança, agora dava-se mais atenção aos pequenos detalhes da roupa, ao bolso falso, ao volume das saias entre outras coisas. A forma das fardas dos soldados influenciou os formatos dos ombros que se mostravam mais quadrados, as saias tinham pregas finas e eram usadas nesta época na altura dos joelhos, as calças também passaram a serem usadas nesta fase.

Entre tantas transformações e crises na moda, aparece o New Look de Dior, que baseia-se nos modelos da década de 60, que consistiam em saias amplas e rodadas, blusas estruturadas e sapatos altos.

O traje militar passa a influenciar a moda masculina da época, tema que até hoje tem sua relevância e está sempre aparecendo em algumas temporadas.

Nesta época vemos nomes muito representativos, Dior como citado acima, Balenciaga, Balmain e outros. A maquiagem e os cosméticos passam a ser muito usados, e o jovem procura uma moda diferente da que era usada por suas mães.

As moças passam a usar um look chamado “estudante de arte” que consistia em calças cigarretes e sapatilhas, a camisa de Chanel também era usada.

As indústrias de prêt-à-porte cresciam a cada dia mais, e via a necessidade da criação de um bom estilo jovem., e na década de 60 pela primeira vez a moda se concentra nos jovens., que corriam em ritmo frenético para acompanhar o último look, havia um desejo deste jovem de se rebelar, as saias se mostram cada vez mais curtas chegando a altura das coxas. A forma de se vestir sofre uma reviravolta, os decotes se aprofundam, e os tecidos das blusas se apresentam transparentes, as roupas íntimas sofrem igual mudança, ficam menores para suportarem as cinturas das saias cada vez mais baixas.

Já no final da década de 60 a tendência é voltada para os tecidos finos de algodão com estampas de motivos florais, usavam-se anáguas rendadas, chapéus de palha, quando não se mostrava romântica, ela se inspirava no Oriente.

Nasce o flower- power hippy, até os Beatles que se mostravam os heróis da época foram a Índia, a moda nesse período consistia em jeans bordados com motivos de flores e calças boca de sino, batas indianas, flores nos cabelos e saias compridas.

Ocorre nesse período uma reavaliação da moda de décadas atrás, o mesmo que acontece após a Segunda Guerra Mundial, a década de 20 e 30 passam a servir novamente de referência. A malha passa a ser usada para quase tudo, quando os trajes não eram fabricados com essas malhas justas ao corpo, eram feitas de modo a desvelá-lo, tornou-se comum também o uso de meias até os tornozelos.

As nádegas passaram a ser muito mais valorizadas nesta fase, por consequência das malhas e dos jeans justos ao corpo, com isso a moda passou a valorizar o corpo magro e com boa forma. Vê-se nessa época uma preocupação com o corpo, e a valorização do exercício físico, chegando a virar uma nova febre, nessa época valoriza-se mais o natural, seja na alimentação, seja na forma de viver e vestir.

A moda agora são tecidos de fibras naturais, botas rústicas, saias de lã e batas e estilo camponês. Com a inclusão da mulher deste período no mercado de trabalho a moda começa a dar ênfase na praticidade, justamente pelo fato de a mulher não disponibilizar tanto tempo para a escolha de uma roupa.

Um movimento marcante para a moda deste período foi o movimento punk, que fez o caminho inverso, um movimento marginal começa a servir de referência, o que se vê são calças rasgadas, cheias de alfinetes, os cabelos eriçados e tingidos das mais variadas cores, o movimento punk influencia também o mercado de bijuterias.

Neste momento pela primeira vez os estilistas americanos têm o domínio do mercado, destacam-se nomes como Calvin Klein, Ralph Lauren e Perry Ellis, estes com criações mais limpas.

Muita coisa se viu neste período, tendências como o country look, a revalorização de peças antigas da era Eduardiana, uma blusa de babadinhos foi chamada de novo romantismo e quase virou uniforme dos anos 80. Viu-se também o

estilo retro da década de 50.

Passa-se a valorizar muito mais a qualidade da roupa, em seus acabamentos bem feitos. À partir de 1948 o mundo enxerga a moda de um novo ângulo, o declínio das grandes casas da França foi importante para a disseminação de novas criações pelo mundo. No decorrer, na década de 70 houve uma valorização grande do estilo pessoal de cada um, ou seja, uma valorização num estilo pessoal de se vestir, o que foi potencializado pelo conhecimento sobre cortes e tecidos das mulheres na década de 80, ou seja, a mulher estava mais que equipada para criar seu próprio estilo. De lá até os dias de hoje muita coisa mudou, os estilos vão e voltam, mas o que cada vez mais se valoriza é a busca da identidade de cada um, a busca por um jeito diferente de ser e vestir.

3.2 A Moda manifestando a identidade

Neste capítulo propomos uma fala sobre como a moda pode mostrar a identidade do indivíduo, fala esta que começará a ser tecida, tendo como objeto do discurso peça tão simples de nosso vestuário: a camiseta.

Esse diálogo acontecerá também com relação ao cinema, que foi o grande difusor da peça.

A camiseta nasce como uma peça de roupa íntima, usada pelos homens debaixo de camisas e paletó, como nos diz Dualibi (2005, p. 1) “era usada para proteger as camisas do desgaste e das inconveniências da transpiração, além de servir como uma proteção para enfrentar dias de temperaturas menores com as roupas tradicionais”.

Então a peça que primeiramente era usada escondida sob as roupas, se transforma em objeto de desejo dos jovens da década de 60, época em que ela aparece como forma de rebeldia e descontentamento.

Foi na década de 60 que a popularidade da camiseta estourou. Seu sucesso veio dos ares desafiantes dos jovens, que contestavam tudo e a todos, colocando em questão os valores de toda uma sociedade. No meio de todas as rebeldias e da luta contra o que, até então, havia sido proposto como comportamento, os jovens decidiram que as camisetas não iriam mais se esconder embaixo de qualquer outro pedaço de tecido. Ela tinha que

aparecer e dizer a todos que agora seria assim, não importando o que a sociedade pensasse. Aliás, melhor se pensassem ao contrário. (DUALIBI, 2005, pg. 2)

Acredita-se que James Dean seja o precursor do uso de tal peça, no filme Juventude Transviada de 1955, o ator a usa numa atitude de rebeldia, que viria a contagiar os jovens, a própria trama do filme evidencia essa idéia.

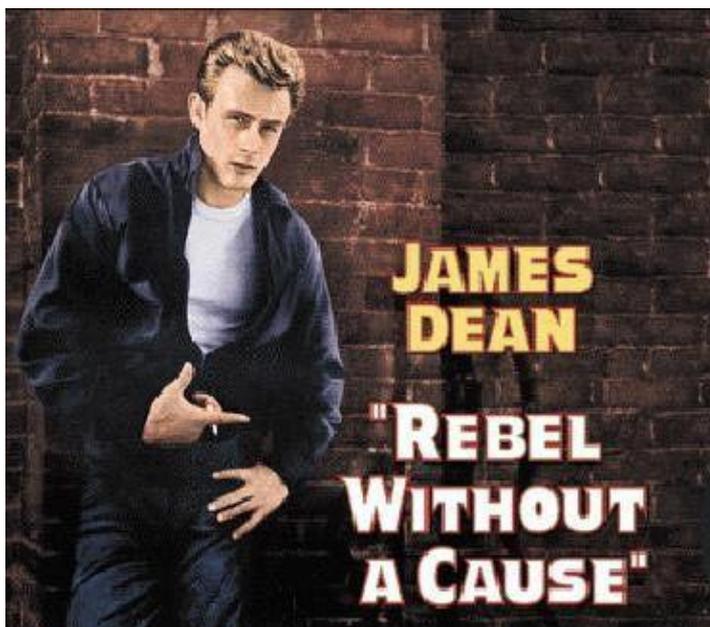


Figura 08: Imagem de divulgação do filme Juventude Transviada.

Fonte: <http://templodeuses.blogspot.com/2009/09/james-dean-era-filho-unico-seu-nome-foi.html>

Outra peça igualmente usada para transpor a idéia de rebeldia foi a minissaia, mas somente a camiseta traz um modelo igual por tantos anos.

A camiseta entre outras coisas, mais que qualquer outra peça de roupa tem o poder de comunicar os pensamentos, atitudes e idéias de quem a usa.

Acredita-se que os pioneiros tenham sido os ativistas do movimento anti-nuclear na Inglaterra, que estamparam em suas camisetas a frase: “ Ban the Bomb” (proíba a bomba) em protesto contra o armamento nuclear.

Neste momento a camiseta se funde com a função de um cartaz, usado para retratar a idéia do manifesto.



Figura 09: Camiseta Ban the Bomb.
Fonte: Acervo da autora.

Podemos citar outros exemplos como o Green Peace e o projeto TAMAR que usam as camisetas como forma de divulgar seu trabalho e também os ideais nos quais acreditam.



Figura 10: Camiseta Green Peace e Projeto TAMAR.
Fonte: <http://www.bazarpop.com.br/blog/2008/09/26/compras-por-uma-boa-caoa/>

O posicionamento político também é comunicado ao se usar o rosto de

Che Guevara nas peças por exemplo, esta camiseta se tornou a mais vendida do mundo inteiro.



Figura 11: Camiseta com estampa do revolucionário Che Guevara.

Fonte: <http://contapramarcela.blogspot.com/2008/05/todo-mundo-tem-uma-camiseta-do-guevara.html>

Neste momento a camiseta assume seu importante papel de difusor de informações, tais peças são formas de fortalecer a identidade e comunicar idéias e ideais de quem as usa, mostram seu posicionamento moral, político, social e psicológico.

Essa função de informar se torna mais representativa a partir da década de 70. O sucesso da camiseta se estende até os dias atuais. Existem lojas físicas e virtuais especializadas na venda de camisetas com estampas exclusivas.



Figura 12: Exemplos de estampas exclusivas.

Fonte: Livro: Nuevas tecnologías aplicadas a la Moda: diseño, producción, marketing y comunicación.)

Tais peças se comparam a verdadeiras obras de arte, pois são fabricadas em poucas unidades, nesse mercado começam a se destacar algumas marcas que tem trabalhos de estampas feitos por artistas reconhecidos, até grafiteiros, trabalhos estes que demonstram certa inquietude desses jovens criadores contemporâneos.

Nesse turbilhão de opções, o consumidor tem a sua disposição uma cartela de possibilidades, cada qual irá escolher a que lhe for mais significativa, ou seja, irá vestir o que lhe fizer significado, destacando assim, um pouco mais de sua personalidade.

Abrindo um pouco mais o leque, temos Lurie, que nos afirma que:

Por milhares de anos os seres humanos têm se comunicado na linguagem das roupas. Muito antes de eu ter me aproximado o suficiente para falar com você na rua, em uma reunião, ou em uma festa, você comunica seu sexo, idade e classe social através do que está vestindo – e possivelmente me fornece uma informação importante (ou uma informação falsa) em relação a seu trabalho, origem, personalidade, opiniões, gostos, desejos sexuais e humor naquele momento. (LURIE, 1997, p.19)

Tal autor afirma que, para haver uma comunicação entre outras coisas, da identidade do indivíduo, tem que haver uma linguagem, e é esta idéia que ele defende, que a moda se tornou um sistema de signos, ou seja, uma linguagem.

Para o autor a moda é um sistema não verbal de comunicação, e faz uma analogia com a língua falada, nos diz que a moda forma um vocabulário e uma gramática, que é influenciado por cada indivíduo que possui seu próprio repertório de palavras (roupas) e para cada palavra um significado.

Ainda de acordo com ele, não apenas as roupas criam esse vocabulário,

mas também o tipo de corte de cabelo, os acessórios usados e a maquiagem, tudo isso combinado a roupa que deixará claro o posicionamento do indivíduo, com toda essa combinação de fatores esta língua se torna muito vasta.

Lurie (1997, p.21) ainda diz que “escolher roupas, em casa ou na loja, é nos definir e descrever”, mas esta escolha as vezes sofre algumas influências, tais como preço da peça e conforto.

Há uma comparação clara da analogia feita, quando o autor dá o exemplo de arcaísmos⁵, que muitas vezes são usados pelos escritores para dar um ar de cultura e inteligência, o mesmo acontece quando usamos peças de roupas do passado, ou imitações dela.

E este sistema de linguagem mostrado pelo autor se apresenta muito completo, ao passo que ele dá exemplos de gírias e palavras vulgares, adjetivos e advérbios e palavras estrangeiras, tudo isso em analogia com a moda.

Em palavras vulgares, o autor compara certas palavras proibidas e que aparecem as vezes sem se esperar, com certos trajes, um exemplo seriam as botas de couro e cano longo, usadas muitas vezes por prostitutas, ele diz que ambas, palavra e traje, se mostram vulgares, ou seja, se você avistar tal pessoa na rua vai saber de sua vulgaridade sem que ela pronuncie uma única palavra.

Já para os adjetivos e advérbios, ele diz que na moda, se comparam os acessórios, que são usados para adornar e modificar a aparência.

Já para roupas e palavras estrangeiras o autor faz uma comparação com as roupas nativas, uma vez que quem não conhece um traje africano não conseguirá compreendê-lo, por não terem o conhecimento necessário sobre esta linguagem.

Um exemplo muito claro desta passagem de identidade, e o opinião através da moda seriam os punks, que vestiam cores escuras, se vestiam com jaquetas de couro, calças rasgadas e com aplicações de metais, um dos acessórios preferidos era a corrente de bicicleta usada muito apertada em torno do pescoço.

⁵ Arcaísmo consiste em palavras ou expressões antigas que se encontram em desuso.



Figura 13: Adeptos da filosofia punk.
Fonte: Criação da autora.

E o que eles queriam com tudo isto? Queriam se comunicar, isso mesmo, queriam chamar a atenção dos pais, dos professores que deviam instruí-los.

Ao mesmo tempo, outros aspectos do estilo punk pediam não apenas atenção, mas o amor e cuidado que damos às crianças pequenas, especialmente às que se machucam. Afinal, onde vimos esse cabelo fofo das garotas do Leste, esses rostos pálidos e arranhados e joelhos lançados, essas camisas e jeans rasgados, essas perneiras e jaquetas inconvenientes, muitas vezes sem acabamento? No que se refere à marca registrada punk, o enorme alfinete transpassado na face ou na orelha inevitavelmente lembra a toda mãe o terrível momento em que o transpassava em seu queridinho, ao invés de uma fralda. A corrente que unes as pernas não apenas sugere violência, servidão e perversão sexual, como também confere àquele que a usa o andar pausado, de passos curtos, de uma criança de um ano. (LURIE, 1997, p.176).

Como vemos, a moda é cercada por um sistema de signos, que o autor chega a comparar com a linguagem falada, por menos conhecimento do indivíduo, ele saberá reconhecer, pelo menos um pouco da identidade do outro, essa análise irá depender justamente do grau de conhecimento existente.

Com tudo isso então, vemos que sim, seja através da camiseta com inscrições, seja pela roupa e seus estilos, pelo cabelo ou acessórios, a roupa e a moda como um todo se mostram uma ferramenta poderosa de expressão e conhecimento da identidade do outro.

3.3 As Tendências

No dicionário Aurélio temos a seguinte descrição para a palavra tendência: 1. Ação ou força pela qual um corpo tende a mover-se para alguma parte. 2. Fig. Propensão; inclinação; propósito.

Caldas (2004, pg. 21) em seu livro intitulado “Observatório de sinais” , nos diz que a “ noção de tendência está presente em toda parte na cultura contemporânea. Fala-se de tendência para quase tudo, do preço do petróleo aos estilos arquitetônicos, da cotação do dólar às cores da próxima estação, dos hábitos do consumo à gastronomia”.

Vemos que o conceito de Caldas mesclado com a definição literal do dicionário nos deixa claro que a tendência é um fenômeno que diz respeito a diversas áreas, não somente a moda.

Afinal se o mundo muda, ele tende para alguma direção, já que está em constante movimento, e foi justamente baseada nessa idéia de movimento que se formou o conceito generalizado de tendência na sociedade contemporânea.

Caldas, (2004, pg. 25), ainda nos dá outro emprego da palavra tendência, dizendo que é o mesmo que “orientação comum a um grupo de pessoas”.

E como muitas outras áreas, o mundo da moda também se encontra em constante movimento, acredita-se que a idéia de tendência se disseminou à partir do século XIX.

Contudo, Caldas (2004, p. 30), continua sua fala sobre as tendências dizendo que “[...] uma tendência não pode ser analisada como uma coisa que se desloca em uma direção[...]”, “mas como variações dentro de sistemas complexos, que devem ser considerados como um todo”, ou seja, uma média feita à partir de um todo.

Entre os usos que se fizeram do conceito de tendência, o que mais se generalizou, por razões óbvias, é aquele ligado a construir uma visão de futuro, que , como vimos, vem sempre embutido nesse jogo entre o hoje e o amanhã, que a suposição de que tendemos para algum outro ponto estabelece. (CALDAS, 2004, p. 35)

Claro que nessa procura pela previsão do futuro ocorrerão muitos acertos,

mas também muitos erros, pois tudo depende de vários fatores. Algo muito importante a se comentar, seria sobre a difusão, ou seja como essa tendência é difundida às camadas da sociedade num todo?

Caldas (2004, pg. 45) ainda fala que “[...] grande parte dos estudos considerados clássicos sobre a moda tentou explicar como esta é produzida criando modelos sobre o seu modo de propagação pelo tecido social, uma vez que moda é difusão”.

Existem algumas teorias e modelos que falam sobre a difusão em si, estas, criadas por sociólogos no final do século XIX e por estudiosos da área no começo do século XX.

Uma das teorias que falam sobre a difusão, chama-se *trickle effect*, consiste no que é chamado um mecanismo de “efeito de gotejamento”, este mecanismo defende a idéia de que a tendência é criada no topo da pirâmide social e copiada pelas classes menos privilegiadas na busca de uma semelhança destas classes superiores.

Mas esta teoria começa a ser questionada a partir dos anos 60, quando se constata que certas inovações atingem diretamente as classes sociais subalternas por assim dizer, sem que tenham atingido primeiramente as classes superiores.

Um exemplo disto são as modas lançadas pelas novelas, que conseguem atingir várias classes sociais ao mesmo tempo, sem necessariamente ter que passar ou ter o aval da chamada “elite”.

O outro modelo que tenta explicar a difusão de uma tendência é chamado de fenômeno é chamado de fenômeno de difusão como epidemia, seria a tentativa de explicar fenômenos que desafiam a lógica e que contagiam a todos, sem ter uma regra ou explicação óbvia.

Algumas outras metáforas podem ser usadas para explicar e compreender melhor a difusão das tendências de moda, uma seria a difusão através do modelo de fofoca, que é passada de boca -a- aboca até que todos já tenham conhecimento do fato ou acontecimento.

Afinal como prever, digamos, para daqui a cinco anos, cor ou as formas a serem escolhidas pelos estilistas e que serão transformadas em moda pelo consumidor comum? Tudo parece ser questão de acaso, de caprichos individuais e de fatos novos, dificilmente identificáveis *a priori*. Quem

poderia prever, em 1975, no auge da moda retrô, e ainda de forte acento hippie, que um movimento como o punk, no ano seguinte, viria possibilitar o surgimento de padrões estéticos radicalmente diferentes? (CALDAS, 2004, p. 49)

Mas tal impossibilidade de prever uma tendência torna-se um tanto quanto perigoso, pois não há garantias de que tal tendência se dissemine. Para que haja uma previsão coerente necessita-se de fatores que a fortifiquem, a moda então renova a idéia de tendências no que Caldas (2004, pg. 50) chama de “ profecias auto-realizáveis”.

Podemos à partir daí, criar um esquema para melhor ilustrar a idéia.



Figura 14: Esquema explicativo de tendências, criação da autora.
Fonte: Criação da Autora.

No esquema vemos uma forma de prever as tendências, tudo começa nos órgãos especializados em analisar cores, estilos, etc. Depois desta análise as informações são repassadas para as indústrias que confeccionam os fios, os tecidos, acessórios, até que cheguem as confecções e por fim estejam a disposição do mercado.

Vemos que neste caminho a palavra tendência muitas vezes pode se fundir a palavra moda, e podem adquirir um único significado, ou seja, pelo fato de que tudo que é tendência vai acabar se tornando quase que em regra geral, em moda.

Tendência neste caso é usada para designar algo que está em alta, é como dizer: o estilo liberty⁶ é a tendência deste inverno, o que não deixa de ser, pois a tendência é o que estará em alta em certo período.

Mas como Caldas fala, a palavra tendência pode ser usada com ironia, para discriminar algo que será tão usado, que passará a desagradar o gosto requintado de uma classe superior.

Enfim, perguntar de onde vêm as tendências se torna complicado a partir do momento em que, tudo hoje em dia parece apontar uma tendência. O que pode-se fazer é olhar um pouco para trás e tentar entender num certo período histórico de onde elas vieram, que as ditou, como foram formadas.

Comecemos então em um período anterior a 1857 quando que ainda ditava o que iria ser usado eram os próprios indivíduos, em busca de uma não igualdade com as classes inferiores, falando de um ponto de vista monetário.

Nesta época havia certa liberdade no vestir, pois ainda não tínhamos o conceito de moda atual, ou seja, o indivíduo vestia-se como desejava, podia-se ajustar as mangas, fazê-las mais largas, mais justas e assim por diante, e as roupas eram executadas por meras costureiras ou alfaiates.

Já a partir de 1857 com o sucesso de Charles Fréderich Worth, a moda passa a ser encarada de uma nova forma, ou seja, o que se vestia, era obra de um criador, que tinha o poder de dizer o que era bonito, o que é de bom ou de mau gosto. E por quase 100 anos a definição de tendência depende quase que somente do que era ditado pelos costureiros franceses.

Nesse período surgem as primeiras publicações especializadas em moda,

⁶ *Estilo criado por Arthur Lasenby Liberty* consiste em uma padronagem de estamparia composto por flores minúsculase multicoloridas.

como a Harper's Bazar, fundada em 1867, e a Vogue em 1892.

Aqui vemos mais uma vez a influência do cinema como difusora da moda, como nos diz Caldas (2004, pg. 55), "Outra fonte importante de difusão da moda foi o cinema; é notória a ligação entre as estrelas de Hollywood e os costureiros franceses, sobretudo à partir da década de 1930".

Esta citação vem mais uma vez confirmar o importante papel do cinema, que neste ponto, tinha o poder de difundir uma moda, servia como uma vitrine, que através da figura da diva, ditava o que vestir.

É de uma forma natural que a estrela, arquétipo ideal, superior e original, orienta a moda. A moda é o que permite a elite diferenciar-se dos comuns, daí seu envolvimento perpétuo, e é o que permite aos comuns se assemelharem à elite, daí sua difusão incessante. (MORIN, 1989, p. 98)

Este outro pensamento cai-nos como uma luva para ilustrar o papel do como difusor da moda, isso acontece à partir do momento em que o público se identifica com o personagem e tenta, de alguma forma igualando-se ao ator, se diferenciar do próximo.

À partir dos anos 1980 com a meteórica difusão da moda; igualmente ocorre meteórica mudança de tendências.

Nesse período os vetores que ditam tendências podem ser esquematizados da seguinte maneira; primeiramente pela moda institucional da qual faziam parte o prêt-à-porter com suas marcas e criadores, a alta costura, as indústrias que fabricavam os corantes, fios e tecidos, as capitais da moda, como Nova York, por exemplo, os salões profissionais e birôs de estilo. Depois temos as sub culturas jovens e os movimentos de rua, as celebridades e também o próprio indivíduo desde que passou a ter a liberdade de personalizar a sua moda.

Nos anos 1990 vemos uma potencialização deste individualismo no vestir, ou seja, como nunca se viu o indivíduo torna-se um forte vetor de prescrição do que é moda. Isso se dá pela consciência do mesmo pelo assunto e a relativa independência do que o mercado dita, ele é levado a formar o seu estilo pessoal.

Outro fator nesse período bastante importante para a moda são os jovens criadores, em diversas áreas, arquitetos, artistas..., que apresentam novos profissionais ao mercado.

Aqui podemos citar também os movimentos culturais como

influenciadores das decisões de compra, como o novo talento revelado no último festival de cinema, ou os sucessos já concretos.

Atualmente vivemos um momento de grande relevância na história mundial, dentro de algumas semanas teremos o casamento do Príncipe Willian da Inglaterra com Kate Middleton, isto já foi o bastante para que seu estilo virasse moda, e sinônimo de elegância e bom gosto. O mesmo aconteceu depois que Barack Obama foi eleito presidente dos Estados Unidos da América, sua esposa Michelle Obama virou de um dia para o outro virou referência fashion para o mundo da moda.

Então chegamos à conclusão que atualmente vivemos numa avalanche de tendências a todo o momento, é importante avaliarmos que, o cinema se mostra atualmente um importante vetor de tendências, a partir do que já foi comentado, então a análise destes períodos é importante para entendermos de onde elas vem e quem as dita.

4. O CINEMA – CENA UM, AÇÃO!

4.1 O Cinema e a Arte.

Primeiramente, deixemos algo claro, porque o cinema é chamado de a 7ª Arte?

Na Antigüidade, os gregos e romanos classificavam como arte a pintura, a escultura, a oratória, o teatro, a poesia, a música e a dança. Mas foi no século XVIII que as manifestações criativas foram estudadas e classificadas em dois grupos: as belas artes e as belas letras. As belas artes eram seis: arquitetura, escultura, pintura, gravura, música e coreografia. Das belas letras faziam parte a gramática, a eloquência, a poesia e a literatura. Quando o cinema surgiu, em 1895, inventado pelos irmãos Lumière, foi classificado como arte e ganhou o rótulo de “sétima arte”. (<http://cinemagia.wordpress.com/2009/03/08/cinema-a-setima-arte/>)

E ainda nesta mesma linha de pensamento pergunto: O que é Arte? Pois para entendermos essas relações, é preciso que tenhamos bem claro em nossa mente a relação Arte – Cinema. Coli (1995, pg.3), define arte como sendo “[...] certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo [...]”.

O dicionário Aurélio nos dá ainda a seguinte definição:

[...] atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito, de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação»...; «a capacidade criadora do artista de expressar ou transmitir tais sensações ou sentimentos [...] (“Arte”. In: Novo dicionário Aurélio, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986).

Sem dúvida as duas definições se completam, nos deixando um pouco mais claro o que entender por Arte. Além disso, ainda nossa sociedade possui artifícios para nos apontar o que é Arte ou não. O fato de termos uma peça em um museu, já nos define tal objeto, um filme passando em salas de cinema de Arte, já o define como o tal. Mas acredito que neste ponto pecamos, pois o que não estaria num museu ou lugar definido para Arte, assim não o é definido? Uma obra

contemporânea instalada no meio de uma praça, não é considerada Arte?

O julgamento do que seria ou não Arte feita por uma pessoa sem tanto conhecimento limita-se a dizer que, Arte seria a Monalisa ou alguma outra obra nos moldes acadêmicos.

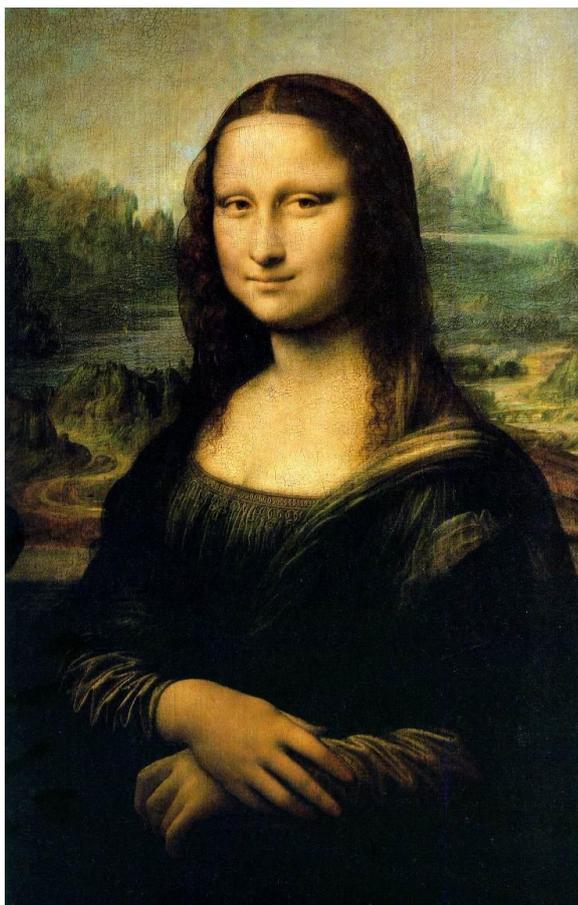


Figura 15: Monalisa, obra de Leonardo da Vinci, iniciada em 1503, acabada em 1507.
Fonte: <http://cronicas dofogolino.blogspot.com/2011/04/o-poder-de-monalisa.html>

A definição de Arte se torna confusa, por a mesma ter várias manifestações, ou seja, ela pode ser expressa através da arquitetura, música, teatro e outras muitas e também pelo cinema, ou seja, o cinema seria então uma forma de manifestar a arte, que assim como nem todas as esculturas ou pinturas são Arte, nem todos os filmes do cinema também o são.

Façamos aqui uma tentativa de análise de certo filme, o filme Laranja Mecânica, dirigido por Stanley Kubrick um dos diretores mais importantes do mundo cinematográfico, que com certeza foi uma figura muito além de seu tempo, no início

de sua carreira chegou a ser mal interpretado e seus filmes mal recebidos pelo público, mas que possui uma marca muito forte em suas produções.

O filme em questão possui um enredo alucinante, com forte apelo psicológico a ponto de causar náuseas no espectador. É neste ponto que digo que este filme é Arte, por todo seu enredo, estética e pelo seu criador, é uma obra que não costuma ser divulgada com frequência na TV aberta, mas que é apreciado pelos apaixonados pelo cinema.

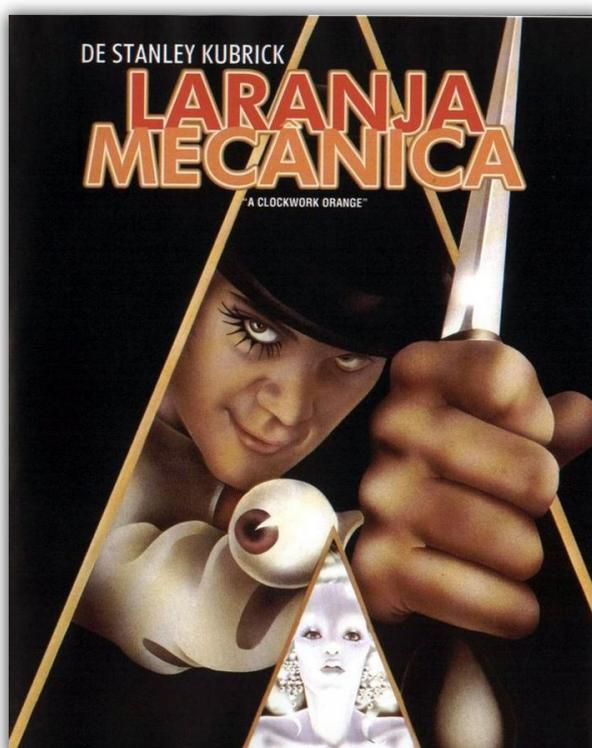


Figura 16: Imagem publicitária do filme laranja mecânica de 1971.
Fonte: <http://escribasvirtuais.blogspot.com>

É neste ponto que reflito sobre os filmes, assim como nem todo objeto é arte, nem todo filme é arte, existem aqueles que servem para mero entretenimento, sem possuir uma carga artística, pelo fato citado acima, ou seja, o cinema é uma porta de saída de manifestações da arte.

Sobre isso Mendes (1997 apud LOTMAN, 1978, p. 5), diz que “ tudo o que em um filme é arte possui uma significação”, ainda segundo Mendes (1997 apud LOTMAN, 1978, pg.52) “ no cinema quanto maior for a analogia entre a arte e

a vida e a sua semelhança, maior e mais imediata será a recepção por parte do espectador.”

Com tudo isso chego a conclusão de que o cinema se mostra muito rico como uma forma de manifestação da arte, e se mostra uma ferramenta de grande importância para a difusão e também como ditador de moda.

Um grande nome da arte que se utilizava de filmes como manifestação de sua arte era Andy Warhol que tem em seu repertório artístico várias obras cinematográficas.

Os seus filmes colocavam literalmente às avessas as convenções do cinema narrativo à maneira de Hollywood: as seqüências de tal modo longas e maçadoras, sem cortes, planos e enquadramentos que pouco ou nada variam; quando o filme foi rodado com a câmara Auricon, que permitia registrar simultaneamente a imagem e o som, isto eram apenas diálogos sem nexos, frases anódinas da vida quotidiana, em vez de trocas de palavras bem elaboradas, trabalho de câmara mal feito, movimentos que traem o amadorismo, tratamento deplorável do som – não há nenhuma lei sobre os aspectos formais que Warhol não transgrida. (HONNEF, 1988, p. 79)

Warhol usava o cinema numa perspectiva completamente diferente da Hollywoodiana, em seus filmes o que importava não eram os enquadramentos perfeitos, luz, falas ao pé da língua, e sim a transgressão do que fossem regras.

Um filme de Warhol vê-se sem pressa. Desde o início, ele impede o espectador de estar apressado. A sua câmara praticamente não se mexe. Fica voltada para o objecto, como se não houvesse nada mais belo nem mais importante do que este objecto, (HONNEF, 1988, p. 80)

Warhol tinha em suas obras cinematográficas uma extensão dos princípios estéticos de suas serigrafias, que são a repetições das imagens, que é o princípio da técnica de projeção do cinema.



Figura 17: Filme intitulado The chelsea girls - episode 7
Fonte: www.youtube.com



Figura 18: Filme intitulado Eat.
Fonte: www.youtube.com

4.2 Arte Contemporânea

Falaremos então sobre a arte contemporânea, o que dizer sobre ela?

Quem examinar com atenção a arte dos dias atuais será confrontado com

uma desconcertante profusão de estilos, formas, práticas e programas. De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por um lado, não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. (ARCHER, 2001, p. 1)

A arte sofre uma reviravolta depois de 1960, anterior a isso ainda tinha-se a idéia de que a arte se dividia em duas categorias, a escultura e suas ramificações e igualmente na pintura. Existiam já nesta época algumas manifestações que remetiam a idéia de arte contemporânea, mas havia ainda uma insistência como nos diz Archer (2001, p.1) em classificar como arte “ produtos do esforço criativo humano que gostaríamos de chamar de pintura e escultura.”

Após 1960 essas certezas se dissolvem, tais técnicas continuam a serem usadas, mas numa visão muito mais ampla.

Como sabemos a arte sempre foi um medidor dos acontecimentos da sociedade, ou seja, ela nos acompanha, e igualmente se transforma. Vivemos na era da rapidez, onde tudo muda a cada minuto, assim também se mostra a arte contemporânea, rápida, agressiva muitas vezes, interrogativa.

A arte contemporânea, [...] esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são próprios da arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida. (COCCHIARALE, 2006, p.16)

A arte contemporânea se apresenta como algo novo, pois soa novo aos olhos dos que insistem em moldes antigos de arte, alguns até dirão que: “ não isso não pode ser arte”, pois esta assume uma nova postura.

De que vale então uma obra de arte que ninguém compreende? Ora. Quem compreende o nosso tempo? A arte contemporânea não está aí para ser compreendida à luz de obsoletos códigos estéticos. Justamente o que busca esta arte é quebrar com estes padrões estéticos. (BORGES, 2007, p.1)

De acordo com Portella (2004, pg. 3), a leitura da obra se dá da seguinte

maneira “ artista → imaginação criadora → matéria (criação+forma=objeto estético) → leitor=recepção → construção do sentido →prazer estético. Isto serve aliás para todas as manifestações artísticas, algo importante a se ressaltar é a participação do espectador nesse processo, pois é ele quem interpretará a obra e dará a ela um sentido, o seu, que pode diferir da idéia do artista.

A idéia, é essa a atriz principal desta história, na arte contemporânea ela tem muito mais valor do que o feitiço da obra em si como nos diz Cochiaralle (2006, p. 33) “se é a invenção ou a idéia que qualifica a autoria (coisa mental) o artista não precisa mais, necessariamente, fazer sua obra com as mãos.”

A obra não precisa ser executada pelas mãos do artista que a criou, mas que fique claro que tudo parte de uma idéia de um projeto muito bem pensado e planejado pelo artista.

4.3 A semiótica no cinema

Podemos definir como grandes precursores desta ciência o lingüista suíço Ferdinand de Saussure, na Europa e dos Estados Unidos, o cientista Charles Sandres Peirce, que é considerado o pai da semiótica, pelos estudos aprofundados e pioneirismo na área;

“O nome semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos”. (SANTAELLA, 1983, p. 7).

Partimos desta definição para criarmos uma fala sobre o filme e a semiótica, como ponto de partida temos então um conceito do que seria então esta ciência, mas o que entendemos por signos?

Santaella (1983, p. 7), ainda sobre isso nos diz que “ não são os signos do zodíaco, mas signos, linguagem. A semiótica é a ciência geral de todas as linguagens.”, linguagem esta, que aqui citada, diz respeito a linguagem das imagens, que é algo diferente da linguagem verbal, nesta, levamos em consideração as palavras.

Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais,

gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem. (SANTAELLA, 1983, p. 10)

Quando falamos em linguagem queremos falar em formas de comunicação, ou seja, além da linguagem verbal, existe a linguagem das imagens, ou signos, que é sobre o que a semiótica trata, como diz Santaella (1983, p. 11), “formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros.

Ainda sobre linguagem temos uma fala de Lotman nos dando em poucas palavras uma idéia muito clara sobre o assunto:

Uma linguagem é um sistema semiótico ordenado de comunicação (que serve para transmitir a informação). Desta definição de linguagem como sistema de comunicação decorre a propriedade da sua função social: a linguagem assegura a troca, a conversação e a acumulação da informação na coletividade que a utiliza. O que define a linguagem como sistema de semiótico é a circunstância de ela ser constituída por signos. Para realizar a sua função de comunicação, uma linguagem deve dispor de um sistema de signos. (LOTMAN, 1978, pg. 10)

Tentemos entender então, um pouco mais sobre estes “signos” de que trata a semiótica, Joly (1996, p. 29) faz-nos uma fala dizendo que “ um signo só é um “signo” se “expressar idéias” e se provocar na mente daquele ou daqueles que o percebem uma atitude interpretativa’, e continua, “ o signo pode constituir um ato de comunicação quando me é destinado intencionalmente (uma saudação, uma carta) ou me fornecer informações, simplesmente porque aprendi a decifrá-lo (uma postura, um tipo de roupa, um céu cinza).

A leitura de um signo se apóia em três pólos, como especificado abaixo na ilustração:

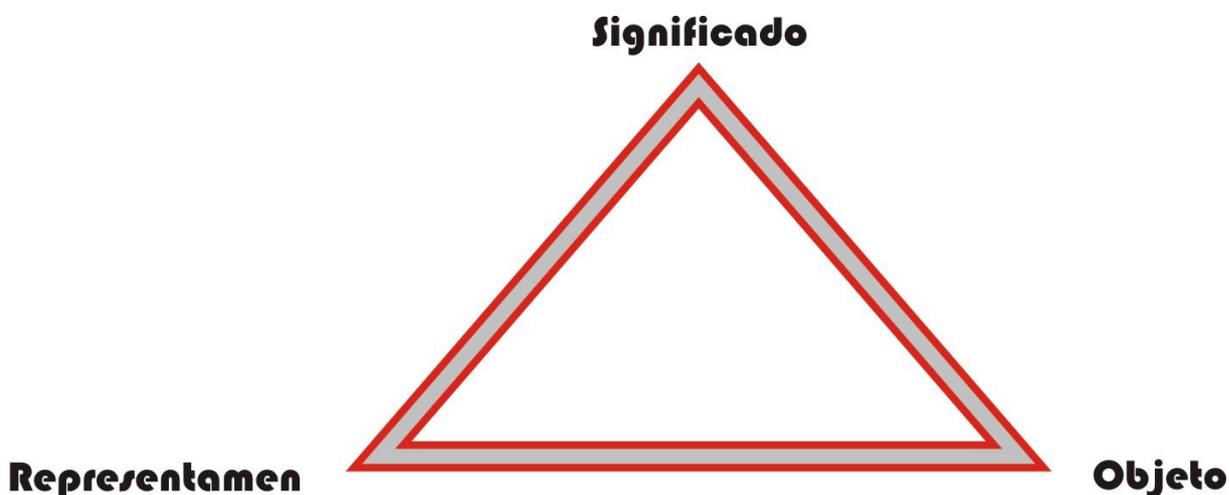


Figura 19: Ilustração dos três pólos de um signo.
 Fonte: Criação da autora

Podemos explicar mais detalhadamente o funcionamento destes pólos dando um exemplo, poderíamos dizer que um homem (representamen), com olhos arregalados e estático (objeto), manifesta uma surpresa (significado), por exemplo.

De acordo com Lotman (1978, p. 15), “os signos dividem-se em dois grupos: os signos convencionais, e os signos figurativos”

Os signos convencionais seriam os que são aqueles que não possuem relação óbvia com os significados a eles estabelecidos, um exemplo é a luz verde significa “passagem permitida”, e a vermelha significa “proibido a passagem”.

Já os signos figurativos consistem naqueles que dizem exatamente o que estão representando, como o desenho de uma cadeira por exemplo.

A imagem no campo das artes é compreendido entre outros pela pintura, ilustração, fotografias, filmes, com este último a semiótica não poderia ser diferente.

As produções cinematográficas por sua vez, por apresentarem imagens em movimento não fogem a regra, possuem signos, alguns entendemos mais profundamente outros menos.

O filme *Em nome de Deus*⁷ é um exemplo claro dessa linguagem

⁷ Em nome de Deus, roteiro e direção de Peter Mullan, ano de 2002.

semiótica. Vemos claramente vários signos em muitas das cenas.



Figura 20: Cartaz de divulgação do filme Em nome de Deus.

Fonte: http://mulheresemmarcha.blogspot.com/2010_01_01_archive.html

O filme Em nome de Deus⁸ é um exemplo claro dessa linguagem semiótica. Vemos claramente vários signos em muitas das cenas.

O filme narra a trajetória de jovens mulheres, que são mandadas pelas famílias para Os lares de madalena para pagarem seus pecados que seriam desde ser mãe solteira, ser bonita ou feia demais, retardada mentalmente até serem ignorantes ou inteligentes, ou vítimas de estupro.

No cartaz de divulgação do filme já podemos ter uma noção destes

⁸ Em nome de Deus, roteiro e direção de Peter Mullan, ano de 2002.

signos, as mãos postas em oração significam o apelo religioso e o poder da igreja católica da trama. Os rostos das personagens também nos comunicam claramente a personalidade de cada uma.

Abaixo, mais uma cena onde vemos claramente um signo, a cruz ao fundo, que representa a religião tão prezada pelas madres. E assim se desenrola toda a história, além da mensagem passada pela fala dos personagens, cheio de signos com seus significados intrínsecos, que vem mais ainda ressaltar a mensagem pretendida pela obra.



Figura 21: Cena do filme onde vemos claramente um signo, a cruz.
Fonte: <http://letrasdespidas.wordpress.com>

Como vemos a semiótica está presente em vários momentos de nossas vidas, e nos infere uma comunicação muito rica através dos filmes, com a leitura de tais filmes temos uma visão muito além da mensagem que o filme pretende passar.

4.4 O cinema como ditador e difusor da moda – Os criadores

Como sabemos, o cinema se mostra uma forma de expressão altamente

rica atualmente. Nas obras cinematográficas, quase tudo vira moda, seja o figurino usado pela atriz, seja sua maquiagem, até seu modo de agir, sim, pois o que muito chama a atenção é “o jeito de parecer ser” do ator, isso combinado a sua roupa, é sucesso certo. O espectador codifica estas informações, figurino + personalidade, e o resultado é uma personificação de um ideal que o público procura para si.

Desde os anos 1910 – 1920, o cinema jamais deixou de fabricar estrelas, são elas que os cartazes publicitários exibem, são elas que atraem o público para as salas escuras, foram elas que permitiram recuperar a enfraquecida indústria do cinema nos anos 1950. Com as estrelas, a moda brilha com todo seu esplendor, a sedução está no ápice de sua magia. (LIPOVETSKY, 1987, p. 213.)

As grandes estrelas do cinema despertaram uma euforia em massa em relação a moda, aí encontra-se o grande trunfo do cinema, ter o poder de atingir um grande número de pessoas ao mesmo tempo.

As estrelas despertaram comportamentos miméticos em massa, imitou-se amplamente sua maquiagem dos olhos e dos lábios, suas mímicas e posturas; houve até, no decorrer dos anos 1930, concursos de sócias de Marlene Dietrich e de Greta Garbo. Mais tarde, os penteados “rabo de cavalo” ou ondulados de Brigitte Bardo, as aparências descontraídas de James Dean ou Marlon Brando foram modelo em evidência. Ainda hoje, os jovens adolescentes tomaram como modelo o look Michael Jackson. Foco de moda, a estrela é ainda mais, nela mesma, figura de moda enquanto *ser-para-a-sedução*, quintessência moderna da sedução. (LIPOVETSKY, 1987, p. 214)

Giorgio Armani criou todo o figurino de Richard Gere no filme *Gigolô Americano*⁹, por perceber o potencial de divulgação e promoção de seu negócio. O personagem serviu como referência de moda para os homens da época, isso causou um grande impulso em sua marca.

Um filme mais recente *Onze homens de um segredo*¹⁰ de 2001, também tem seu figurino assinado mais uma vez por Giorgio Armani em parceria com Louise Frogley.

⁹ Filme de 1980 dirigido por Paul Schrader

¹⁰ Filme de 2001 dirigido por Steven Soderbergh



Figura 22: Cartaz de divulgação do filme, Onze homens e um segredo.
 Fonte: <http://avgcia.blogspot.com>

Outro grande nome que podemos citar é o de Hubert Givenchy que pensou e desenhou todo o figurino de Audrey Hepburn no filme *Cinderela em Paris*¹¹, na trama a personagem principal é modelo de alta costura.

Igualmente sucesso fez no filme *Sabrina*¹² também estrelado por Audrey Hepburn, Givenchy desenhou seu suntuoso vestido de baile, juntamente com Edit Head que desenvolveu o restante do figurino, que os fizeram ganhar o Oscar de melhor figurino.

¹¹ Filme de 1957 dirigido por Stanley Donen

¹² Filme de 1954 dirigido por Billy Wilder

O filme *2001: uma odisséia no espaço*¹³ teve seu figurino futurista desenhado por Hardy Amies, e Yves Saint Laurent vestiu Catherine Deneuve no filme *a Bela da tarde*¹⁴.

Já em 1920 a estilista Coco Chanel foi chamada pela MGM para desenhar os figurinos de três de seus filmes que viriam a ser lançados. Chanel que foi figura altamente influente e inovadora em sua época.

Outro exemplo foi o filme *Gilda*¹⁵ de 1946 que lançou a moda dos tomara-que-caia de cetim e muitos outros que passaram a ser copiados pelo seu público, figurino este criado por Jean Louis que causou furor entre o mundo feminino.



Figura 23: vestido tomara-que-caia de cetim exemplo de moda ditada pelo cinema.
Fonte: <http://duodeluxo.wordpress.com>

Jean Paul Gaultier também fez peças para o cinema, no filme *O quinto*

¹³ Filme de 2001 dirigido por Stanley Kubrick.

¹⁴ Filme de 1967 dirigido por Luis Buñuel

*elemento*¹⁶ fez parceria com Versace, trabalhou também em *Kika*¹⁷, e *O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante*¹⁸.

Já Ralph Lauren criou o figurino de *O grande Gatsby*¹⁹ e também do filme *Noivo neurótico noiva nervosa*²⁰, em que a atriz Diane Keaton influenciou inúmeras consumidoras.



Figura 24: Uma das roupas usadas por Diane Keaton em *Noivo neurótico, Noiva nervosa*.
Fonte: <http://gilbertocarlos-cinema.blogspot.com>

No filme *Maria Antonieta*²¹ de Sofia Coppola, o figurino é assinado por um trio de sucesso, composto por Karl Lagerfeld, John Galiano e Christian Dior, filme

¹⁵ Filme de 1946 dirigido por Charles Vidor

¹⁶ Filme de 1997 dirigido por Luc Besson.

¹⁷ Filme de 1993 dirigido por Pedro Almodóvar.

¹⁸ Filme de 1989 dirigido por Peter Greenaway.

¹⁹ Filme de 1974 dirigido por Jack Clayton.

²⁰ Filme de 1977 dirigido por Woody Allen

²¹ Filme de 2006 dirigido por Sofia Coppola

que foi premiado em 2007 por melhor figurino.

O cinema brasileiro não chegou a ditar moda, mas alguns estilistas tiveram seus grandes momentos na telona. O primeiro filme nacional com figurino assinado foi *Moral em Concordata*, de 1959. Nele, o estilista Dener Pamplona, conhecido por manter atritos com Clodovil Hernández, criou saias volumosas e acinturadas para uma corista de boate interpretada por Maria della Costa. Zuzu Angel, que já virou tema de filme, teve seus dias de figurinista em *O Quarto*, de 1968, do diretor Rubem Biáfora. Em 1996, o estilista Ocimar Versolato fazia parte do seletto grupo da alta-costura quando aceitou vestir *Tieta*, personagem de Sônia Braga no **filme** dirigido por Cacá Diegues. (COUTINHO 2007, p. 01)

E como não falar do famoso vestido usado por Marilyn Monroe no filme *O pecado mora ao lado*²² o vestido plissado vestido pela atriz é um ícone de sensualidade, e causou grande repercussão na época do lançamento da obra, é assinado por William Travilla.



Figura 25: Cena com o vestido usado no filme *O pecado mora ao lado*.
Fonte: <http://embuscadophino.wordpress.com>

²² Filme de 1955 dirigido por Billy Wilde.

Como vemos o Cinema Brasileiro apesar de não ser tão significativo na moda mundial, também teve sua parcela de colaboração, com nomes como Dener Pamplona que criou peças para filmes nacionais.

As roupas usadas em todas essas épocas diferentes possuem características que as tornam atemporais, ou seja, sempre estão em voga em algum ou outro momento, geralmente são detalhes que valorizam o corpo e a sensualidade da mulher.

São, em geral, vestidos justos, longos e de tecidos nobres, usados com belas jóias e cabelos presos. “valorizam o colo, são elegantes e sem excessos”, afirma Ana Luiza Aguiar, professora de Desenho Técnico de Vestuário do curso de Moda da PUC - Rio. (COUTINHO 2007, p. 01)

Os modelos mais marcantes da história do cinema sem dúvida são os longos de festa, como o usado por Julia Roberts no filme *Uma linda Mulher*²³, esse encantamento se acontece pelo poder que esses modelos têm de transformar a menina em mulher.



Figura 26: Cena do filme Uma linda Mulher.

Fonte: <http://imagemmegami.blogspot.com/2008/05/uma-linda-mulher.html>

²³ Filme de 1990 dirigido por Garry Marshal.

Outro exemplo disso é o vestido usado por Jeniffer Lopez no filme *Encontro de amor*²⁴, este muito copiado, possui réplicas que são vendidas via internet. Outro modelo é o vestido que foi usado por Kate Hudson em *Como perder um homem em 10 dias*²⁵, apresenta cor vibrante, com as costas desnudas, reflete toda a delicadeza do vestido na personagem .



Figura 27: Modelos usados por Jeniffer Lopez e Kate Hudson.
Fonte: Criação da autora.

Enfim, posso dizer que muito além da roupa, o que também chama a atenção do público, e tenta ser copiado por ele é a personalidade do personagem, seu jeito de ser e agir, essa busca por este jeito de ser, se dá pelo encantamento que o cinema produz, no ideal de perfeição que ele implanta.

O cinema então surge como forma de difundir a moda, moda esta feita pelos estilistas que também bebem desta fonte como inspiração para suas criações,

²⁴ Filme de 2002 dirigido por Wayne Wang.

²⁵ Filme de 2003 dirigido por Donald Petrie.

isso se torna então um esquema contínuo, onde cada um se inspira em algo do outro num único objetivo, o de criar.

Temos exemplos atuais deste processo de troca, a empresa Damyller²⁶, situada em nova Veneza, SC, criou para o Inverno 2011, uma coleção completamente inspirada em grandes clássicos do cinema, a inspiração nasceu á partir da análise de filmes clássicos como Direito de amar (2009), Bonequinha de Luxo (1961), Cantando na chuva (1952), O pecado mora ao lado (1955), Taxi Driver (1976), e muitos outros títulos de sucesso.

O que ocorre é uma releitura das peças como podemos ver claramente em alguns casos.

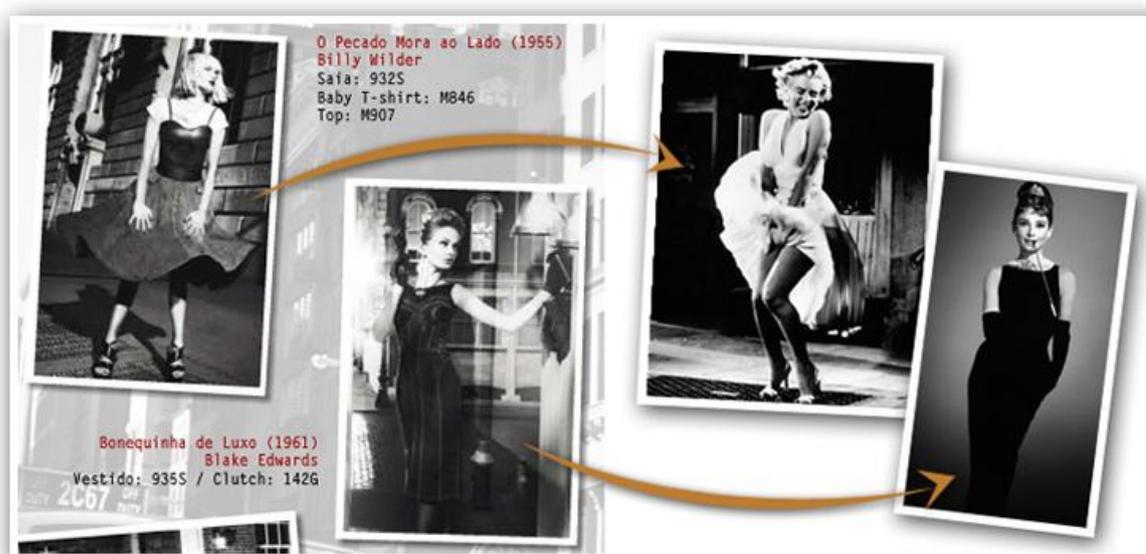


Figura 28: Comparação dos modelos da coleção de inverno da Damyller 2011.
Fonte: Acervo da autora.

²⁶ Empresa de confecção sediada na cidade de Nova Veneza – SC, fundada no ano de 1979.



Figura 29: Comparação dos modelos da coleção de inverno da Damyller 2011.
Fonte: Acervo da autora.

Um outro exemplo desta apropriação de elementos de um filme na criação de peças de moda, é a da marca Planet Star²⁷.

Como podemos notar abaixo, nas imagens de alguns modelos retirados de seu catálogo, a inspiração para esta coleção, que foi lançada para o verão de 2010, foi tirada do filme Alice no país das Maravilhas. Podemos notar pelos detalhes como, o chapéu que a modelo usa, fazendo referência ao personagem do filme que se Chapeleiro Maluco, também pelo vestido azul, pelas estampas do vestido em forma de coelho, mais um personagem do filme.

²⁷ Empresa de confecção de peças infantis, sediada na cidade de São Paulo.



Figura 30: Imagens do catálogo verão 2010 da marca Planet Star.
Fonte: Catálogo Verão 2010.



Figura 31: Imagens do catálogo verão 2010 da marca Planet Star.
Fonte: Catálogo Verão 2010.

Vemos claramente nos dois casos o uso de elementos dos figurinos originais, a releitura é feita numa linguagem contemporânea, com o uso de tecidos e acessórios atuais, mais uma vez fica claro a utilização do cinema como difusor da moda, mas também podemos perceber o contrário, vemos a moda tomando como referência o cinema para criação de coleções, e a pareceria de grandes estilistas e diretores de cinema.

5 EDIÇÃO DE IDÉIAS – CONSTRUINDO O OBJETO ARTÍSTICO

5.1 A base – Alice no país das maravilhas

A história da menina Alice que faz uma viagem pelo país das maravilhas, originalmente se apresenta num livro, escrito por um professor de matemática chamado Charles Lutwidge Dodgson, mas que escrevia sob o pseudônimo de Lewis Carroll.

A obra foi publicada em 4 de julho de 1965 e se tornou uma das mais importantes do gênero literário chamado de surrealismo²⁸.

A obra narra a história de uma menina chamada Alice, e sua trajetória após cair num buraco de coelho, narrando toda sua chegada a um lugar fantástico, que é nomeado pelo autor de “País das maravilhas”, um lugar com personagens peculiares e com uma aura de sonho.



Figura 32: Imagem de divulgação do filme Alice no País das maravilhas de Tim Burton.
Fonte: <http://blaahblog.wordpress.com>

²⁸ Gênero literário e artístico que consiste na representação de coisas naturalmente impossíveis, um exemplo do próprio filme é Alice conversando com uma lebre, ou encolhendo e esticando ao tomar um líquido estranho.

Tal obra possui várias releituras cinematográficas, abaixo vemos uma lista:

Alice in Wonderland (1903), filme mudo dirigido por Cecil Hepworth e Percy Stow.
Alice's Adventures in Wonderland (filme de 1910), filme mudo dirigido por Edwin Stanton Porter
Alice in Wonderland (filme de 1915), filme mudo dirigido W. W. Young.
Alice in Wonderland (filme de 1931), dirigido por Bud Pollard.
Alice in Wonderland (filme de 1933) dirigido por Norman Z. McLeod
Alice in Wonderland (filme de 1949), filme stop motion com animação dirigido por Lou Bunin
Alice in Wonderland (1951), filme de animação tradicional da Walt Disney Animation Studios
Alice of Wonderland in Paris, filme animado
Alice in Wonderland (or What's a Nice Kid Like You Doing in a Place Like This?), filme para televisão de 1966 da Hanna-Barbera
Alice in Wonderland (filme de 1966), filme para televisão da BBC dirigido por Jonathan Miller
Alice's Adventures in Wonderland (filme de 1972), musical britânico
Alice in Wonderland (filme de 1976), filme pornográfico
Alice (filme de 1981)
Fushigi no Kuni no Alice, anime da Nippon Animation de 1983
Alice in Wonderland (1985), filme para televisão
Alice in Wonderland (1986 TV serial), 4x30 adaptação para TV da BBC TV escrita e dirigida por Barry Letts
Alice in Wonderland (1988)
Něco z Alenky (filme de 1988), filme de live-action/stop motion surrealista dirigido por Jan Švankmajer; lançado em inglês como Alice pela First Run Features
Adventures in Wonderland (série de TV 1991-1995 TV Series), Disney Channel series where Alice can go through her bedroom mirror to Wonderland
Alice in Wonderland (filme de 1999), filme para televisão
Abby in Wonderland (filme de 2008)
Alice in Wonderland (2010) Filme dirigido por Tim Burton, com a participação de Johnny Depp, como o Chapeleiro Maluco

Tabela 01: Tabela de versões da história de Alice no País das Maravilhas



Figura 33: Algumas versões da história de Alice no País das Maravilhas.
 Fonte: acervo da autora.

Dentre tantas versões cinematográficas e televisivas, duas se mostram

mais conhecidas, primeiramente a versão de 1951, lançada em formato de desenho animado pelos estúdios Disney, e a outra mais recente de 2010, dirigido pelo diretor e artista Tim Burton.

A versão de Tim foge da história original do livro de Lewis Carroll, nesta versão Alice se apresenta no corpo de uma jovem mulher, diferente da versão de 1951 em desenho animado da Disney, onde Alice era uma criança e apresenta muitas outras particularidades. Versão esta que será utilizada como base de extração de informações para a criação da obra.

Algo importante a se comentar é a ligação do diretor do filme com o mundo da arte. Tim Burton deixa claro sua marca em suas obras cinematográficas, seus filmes tem uma característica sombria, e quando não, de encantamento, imaginação e fantasia.

Peixe grande e suas histórias maravilhosas, filme de 2003 dirigido por ele possui essa característica fantástica, de imaginação, já *A lenda do cavaleiro sem cabeça* de 1999, possui uma característica sombria, de medo, mas não de terror, esse é o diferencial, suas obras na maioria possuem uma penumbra obscura, mas não de medo.



Figura 34: Cartaz de divulgação do filme A Lenda do cavaleiro sem cabeça.
Fonte: <http://infern SOBrenatural.blogspot.com>

Posso citar outras obras com essas características: *Edward mãos de tesoura* (1990), *Os fantasmas se divertem* (1988), *A noiva cadáver* (2005), mas o grande fascínio acontece pela releitura feita por ele do filme *Alice no País das maravilhas* (2010), um filme que surge de uma história infantil, assume um lado obscuro que em alguns pontos chegam, a ser perturbadores. Como podemos notar esse ar sombrio já pode ser notado pela ilustração dos cartazes de divulgação dos filmes.

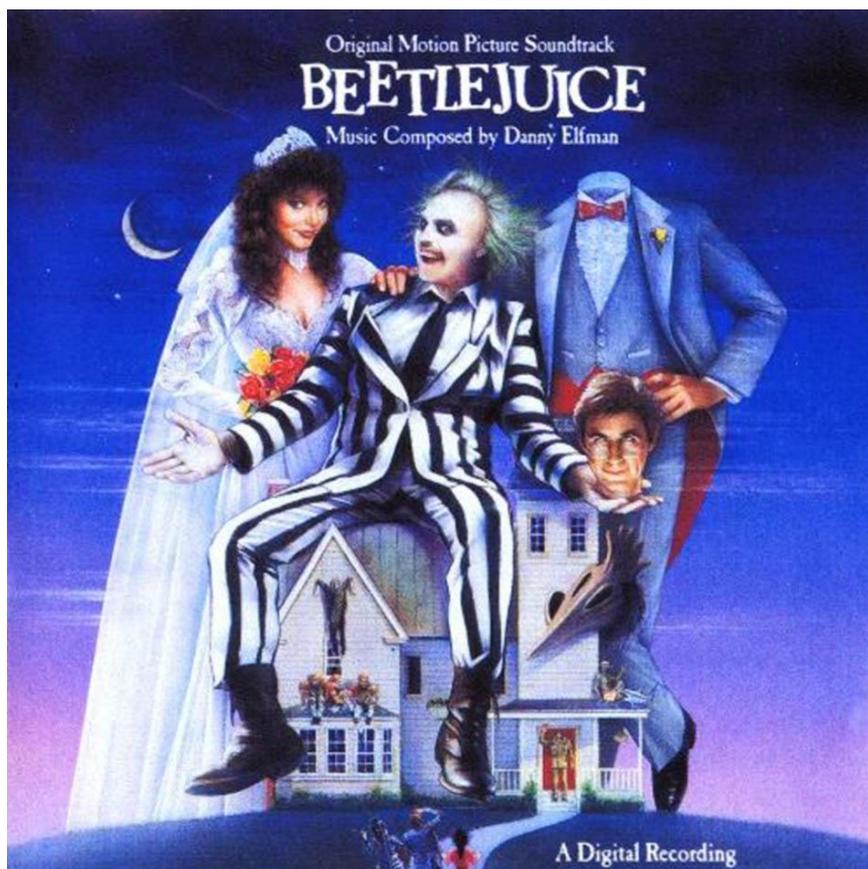


Figura 35: Cartaz de divulgação do filme Os Fantasmas se divertem.
 Fonte: <http://infern SOBrenatural.blogspot.com>

Uma exposição com suas obras foi aberta no MOMA, em Nova York, e posteriormente viajou por alguns países do mundo, um deles o Brasil, em 2010.

Sobre suas obras ele diz que nunca havia mostrado a ninguém, que tudo é parte de um processo da formação de suas idéias muitas vezes para os filmes, um caso é o filme Edward Mãos de Tesoura de 1990, onde o diretor primeiramente esboçou a idéia do personagem no papel, fazendo experimentações de como ele deveria ser. Isso também ocorre em outros filmes como Marte Ataca de 1996, e Noiva cadáver de 2005, produzido com a técnica de stop - motion²⁹.

²⁹ Técnica de animação fotograma a fotograma (ou quadro a quadro) com recurso a uma máquina de filmar, máquina fotográfica ou por computador.

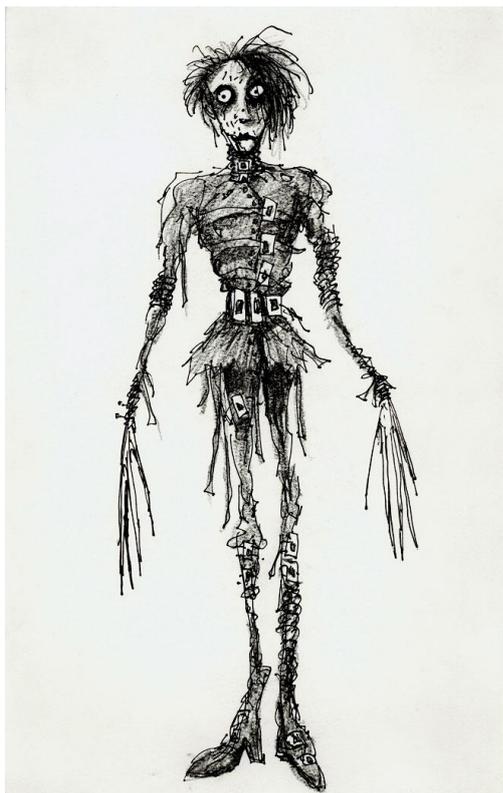


Figura 36: Desenho de Tim Burton para o filme Edward mãos de tesoura.
Fonte: <http://www.timburton.com/>



Figura 37: Desenho de Tim Burton para o filme Noiva cadáver.
Fonte: <http://www.timburton.com/>



Figura 38: Desenhos de Tim Burton.
Fonte: <http://www.timburton.com/>

Podemos notar que seu estilo vem das telas do cinema para suas obras, os desenhos igualmente apresentam esse ar sombrio, de estranhamento, quase chegando a bizarrice.



Figura 39: Desenhos de Tim Burton.
Fonte: <http://www.timburton.com/>



Figura 40: Desenhos de Tim Burton.
Fonte: <http://www.timburlton.com/>



Figura 41: Desenhos de Tim Burton.
Fonte: <http://www.timburlton.com/>

5.2 A leitura semiótica – e lá vão meus pensamentos...

A pergunta é: como criar um objeto artístico baseado em um filme? O que se propõe a transmitir com isso?

A construção da proposta artística se dará com base na leitura semiótica dos signos do filme *Alice no País das maravilhas* de 2010, dirigido por Tim Burton. Com isso mais uma vez, relaciono a Arte o Cinema e a Moda, e é esta exatamente a proposta do trabalho, mostrar como essas três linguagens se comunicam entre si.

Seguem os pontos mais relevantes do filme e sua respectiva leitura semiótica:

A trama inicia com Alice ainda menina, tendo pesadelos estranhos, num determinado momento do filme, temos um diálogo interessante entre Alice e seu Pai, quando Alice ainda menina o questiona sobre uma dúvida e sabiamente seu pai a responde.

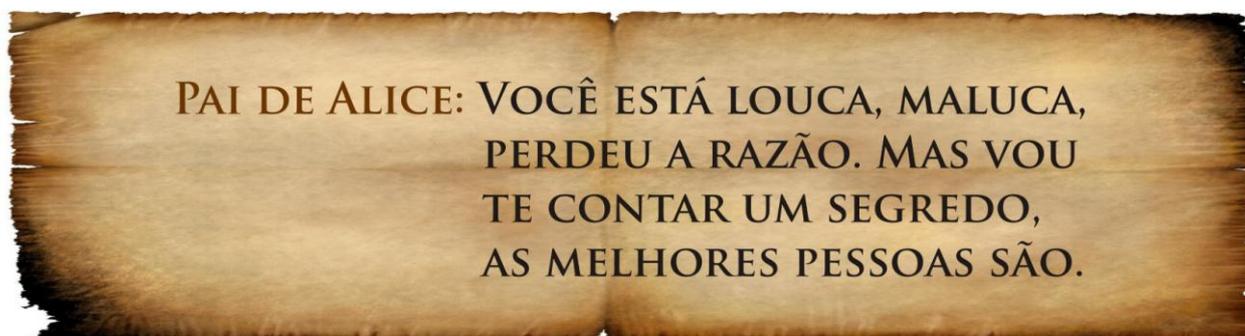


Figura 42: Trecho de fala do filme.
Fonte: Criação da autora.

No decorrer da história vemos a presença do coelho branco, que aparece num momento em que Alice se vê em dúvida, ela precisa de um tempo para pensar, então sai correndo atrás do coelho, o mesmo carrega nas mãos um relógio que demonstra esse tempo de que Alice necessita. Na perseguição ao coelho, Alice cai em um buraco, que indica a confusão mental que ela atravessa, sem saber o que fazer.



Figura 43: Coelho Branco, personagem do filme Alice no País das maravilhas.
Fonte: <http://www.disneymania.com.br>.

Alice cai num mundo desconhecido e estranho, o qual pode simbolizar sua própria mente no momento, pois ela passa por uma fase delicada, pois sofre com várias dúvidas.



Figura 44: Alice caindo no buraco, personagem principal do filme Alice no País das maravilhas.
Fonte: <http://cinemaeafins.com>

A chave que Alice encontra depois de cair no buraco, representa a

abertura para seu descobrimento e entendimento pessoal, Alice está entrando dentro de si mesma, para seu auto conhecimento.

Ela bebe um líquido e fica pequena, come um doce e cresce, isso faz alusão ao fato de Alice não saber se ainda é criança, ou se é uma mulher adulta. Então, ela, pequena, entra pela porta deste mundo desconhecido onde irá confrontar diversas situações (medos), este mundo que se mostra estranho, curioso e cheio de novidades.

Outro personagem que aparece no filme é a ratinha, um traço corajoso, forte e destemida da personalidade de Alice, os gêmeos Twiddle Dum e Twiddle Dee, são um outro lado de Alice, são curiosos, agitados e falantes como duas crianças.



Figura 45: Ratinha Branca, e os gêmeos Twiddle Dum e Twiddle Dee personagens do filme Alice no País das maravilhas.

Fonte: <http://cinemaeafins.com>

O personagem de Absolem, a lagarta mostra um lado mais maduro e seguro de Alice, no momento em que Absolem e Alice se conhecem, a lagarta a questiona se ela realmente é Alice, este é o ponto em que Alice se encontra na dúvida de quem realmente é.



Figura 46: Absolem, personagem do filme Alice no País das maravilhas.
Fonte: <http://club.ados.fr>

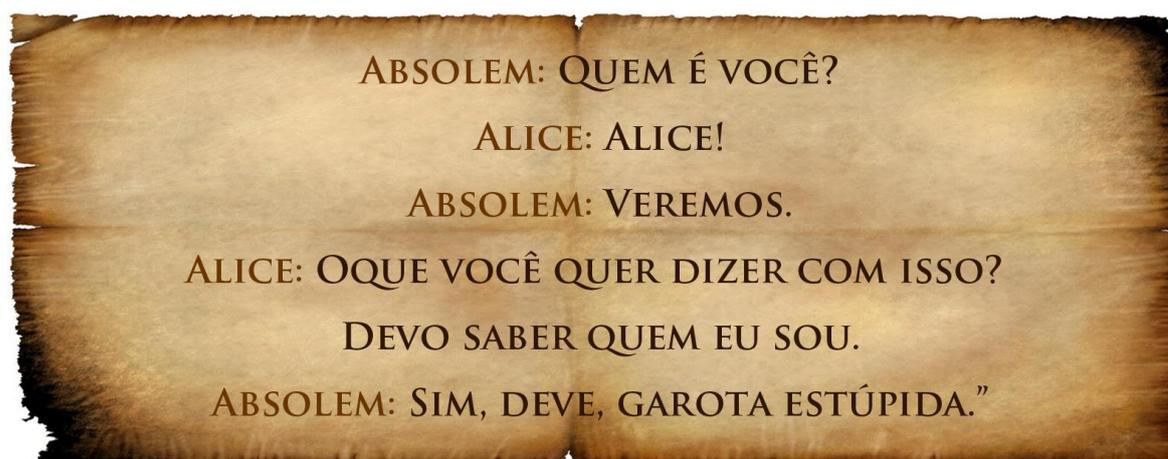


Figura 47: Trecho de fala do filme.
Fonte: Criação da autora.

Alice se belisca para tentar acordar de seu suposto sonho, mas não obtêm sucesso, pois seus “medos” não desaparecem, como ela não acorda, encontra-se com o monstro Bandersnatch que começa a persegui-la, ele representa seu pavor e os medos que ela deve enfrentar, por estar perdida, sozinha e sem rumo, mas neste momento Alice é salva pela ratinha, que é seu lado forte e destemido.



Figura 48: Bandersnatch. personagem do filme Alice no País das maravilhas.
Fonte: <http://galland3.web.fc2.com>

A Rainha Vermelha por sua vez, surge na trama como uma parte de Alice que é egoísta, autoritária e cruel, já o gato risonho é o lado observador, rápido e misterioso de Alice, ele some e aparece em horas propícias a si, figura muito esclarecida e segura de si, mas que foge ao primeiro sinal de perigo.

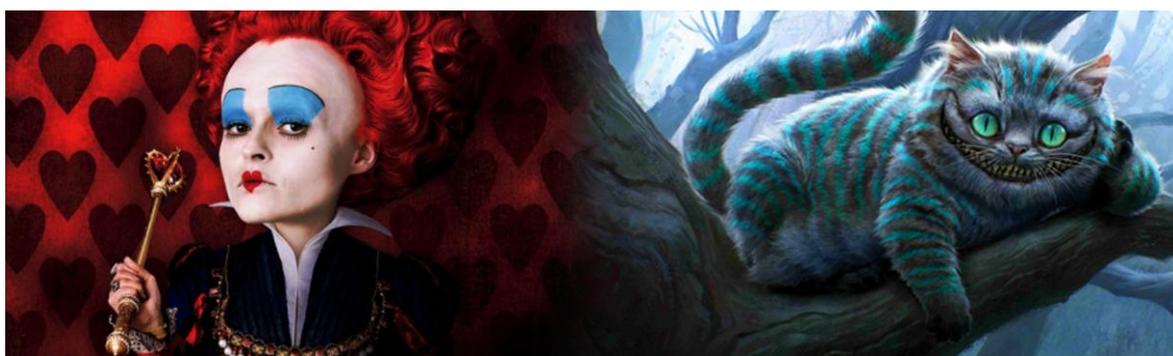


Figura 49: Rainha Vermelha, e o Gato Risonho, personagens do filme Alice no País das maravilhas.
Fonte: <http://bemlindaold.web>

A Lebre de Março, no entanto é uma figura desequilibrada e extremamente desorientada e medrosa.



Figura 50: Lebre de Março, personagem do filme Alice no País das maravilhas.
Fonte <http://girodesign.blogspot.com>

E o Chapeleiro Maluco? Ha, o Chapeleiro é uma alma corajosa, com grande vontade de seguir em frente, é bom, mas com traços de confusão mental, por um momento durante o filme, ele recua diante das tantas dúvidas de Alice, mas ao mesmo tempo volta atrás e confia nela novamente. Ao mesmo tempo que expõe uma alegria contagiante, o Chapeleiro se mostra melancólico, e se mostra irritado e impaciente em alguns momentos. O Chapeleiro pergunta a Alice em certo momento: “porque você é sempre tão alta ou tão baixa?”, fazendo referência a ela ser muitas vezes descrente e em outras muito corajosa.



Figura 51: O Chapeleiro Maluco, personagem do filme Alice no País das maravilhas.
Fonte <http://girodesign.blogspot.com>

Mais adiante Alice acaba achando um porque para a sua luta e se mostra mais confiante e decidida, neste momento ela se torna grande novamente, exatamente na hora de encarar um de seus medos, a Rainha Vermelha. A Rainha então fala: “não é melhor ser temido do que ser amado?”, é uma das dúvidas do filme.

A Rainha Branca, esta é a representação da bondade, ternura e amor que Alice carrega em seu peito, seu lado majestoso e confiante.



Figura 52: Rainha Branca, personagem do filme Alice no País das maravilhas.
Fonte <http://girodesign.blogspot.com>

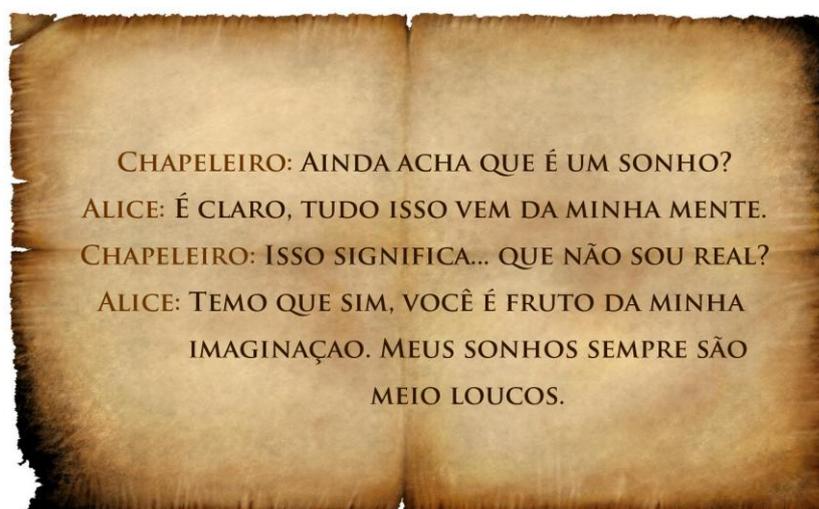


Figura 53: Trecho de fala do filme.
Fonte: Criação da autora.

Em outro trecho do filme, os personagens são indagados sobre quem deve ser o campeão da Rainha Branca, e lutar contra o monstro Jabberwok, todos se oferecem, o Chapeleiro, o Coelho, a Rata, mas a escolhida é Alice, pois ela é a junção de todas estas partes.



Figura 54: Jabberwok, personagem do filme Alice no País das Maravilhas.
Fonte: <http://bemlindaold.web>

Mais uma vez ela se vê num momento de grande dúvida e corre, corre para refletir sobre o que está acontecendo, neste momento encontra o sábio Absolem (a Lagarta).

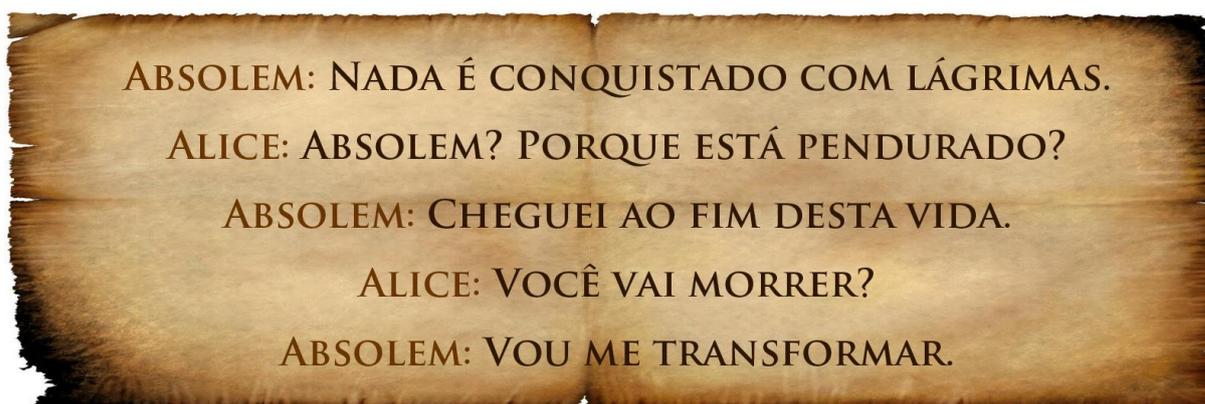


Figura 55: Trecho de fala do filme.
Fonte: Criação da autora.

Neste momento Alice acha o que procurava, e se redescobre, e sua transformação pessoal acontece. Ela enfrenta o grande monstro que há dentro de si. A batalha termina e Alice é a grande vencedora, e a coroa retorna a cabeça da Rainha Branca, Alice retorna ao mundo real, mas agora certa do que deve fazer.

Pensando então sobre toda a trajetória da personagem Alice pelo filme, posso dizer que cada um dos personagens são a própria Alice. O que ocorre é uma fuga da personagem para seu autoconhecimento, afinal o que ela queria era casar, ou ser uma mulher livre e independente?

Fica claro o grande apelo feminista da trama, Alice se transforma em uma mulher forte e guerreira, que almeja uma carreira, mas ao mesmo tempo é uma doce e frágil mulher. A história de Alice na releitura de Tim Burton vai além, faço uma comparação muito pessoal da personalidade de Alice com as mulheres de minha família. Minha mãe que criou quatro filhos somente com o essencial para viver, ganhando a vida no trabalho manual das lavouras de fumo, e jamais em algum momento se quer de minha vida a ouvi reclamar de algo. Tão forte e guerreira quanto ela era minha avó Ana, corpo frágil, rosto delicado, e opinião e temperamento forte.

O objeto artístico então, terá p alicerce exatamente neste ponto, depois da leitura semiótica de todos os pontos relevantes, focarei nesta conclusão e criarei meu objeto de arte, como uma manifestação da idéia da força e da coragem da mulher.

5.3 A construção

Confesso que esta etapa do trabalho para mim é a mais prazerosa, prazerosa por estar trabalhando em conjunto com minha mãe, que me auxiliará na mão de obra, e por me remeter a minha infância, quando eu e minha irmã, passávamos horas do dia as voltas nas máquinas de costura de minha mãe, confeccionando as milhares de roupas de nossas bonecas.

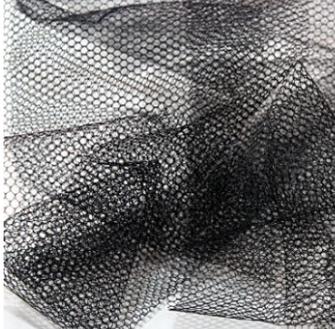
O cheiro de tecido e do óleo das máquinas me remete ainda a casa de minha avó, e a lembrança de entrar pela porta e a ver pedalando os gastos pedais de sua máquina de costura já cansada pelo tempo.

Nesse processo busco igualar meu olhar aos dos profissionais da moda que, se baseando no cinema, criam tão incríveis coleções de roupas, mas além disso procuro não me igualar a um artista específico, mas sim ao olhar da Arte Contemporânea e sua busca infinita por questionamentos e exteriorizações.

Começo a construção pensando nos materiais a serem usados. O que seria tão delicado e formoso quanto uma mulher, e igualmente tão rígido e forte? Qual tecido seria o ideal para passar minha mensagem? Quais cores utilizar? Que estilo dar a roupa?

Bem para começo de conversa fui a pesquisa de tecidos e acessórios, na tentativa de achar a melhor opção, para passar a mensagem proposta por mim, pelo entendimento do filme.

O que procuro são materiais fortes, resistentes para passar a idéia de coragem, firmeza e independência transmitida pela personagem no decorrer da história.

<p>Tecido Sarja</p>		<p>Tecido Lona</p>	
<p>Zipper Metálico</p>		<p>Zipper</p>	
<p>Aviamentos Diversos</p>		<p>Aviamentos Diversos</p>	
<p>Tule</p>		<p>Rendas</p>	
<p>Viés</p>		<p>Rendas</p>	

Laços		Aviamentos	
Rendas		Viés	
Laços Metálicos e Taxas		Rendas em rolo	
Tecido Veludo		Tinta spray prata	

Tabela 02: Tabela de pesquisa de materiais

Com algumas opções de materiais a mão, começo a ter as primeiras idéias sobre o modelo, como fazer uma peça tão controversa, que exprima dureza mas ao mesmo tempo delicadeza?

O primeiro passo foi desenhar o modelo, pois assim ficaria mais fácil

visualizar as opções. Foram feitos alguns desenhos, nos quais fui fazendo experimentações quanto a que pontos do corpo da mulher destacar, também quanto a que materiais poderiam ser usados e visualizá-los na peça, aviamentos, aplicações, proporções do corte, os desenhos foram feitos a mão e lápis, primeiramente em uma folha de caderno convencional e, posteriormente numa folha própria para desenho. O intuito de destacar certas partes do corpo, é o de passar a mensagem de fragilidade, a qual a personagem também possuía.

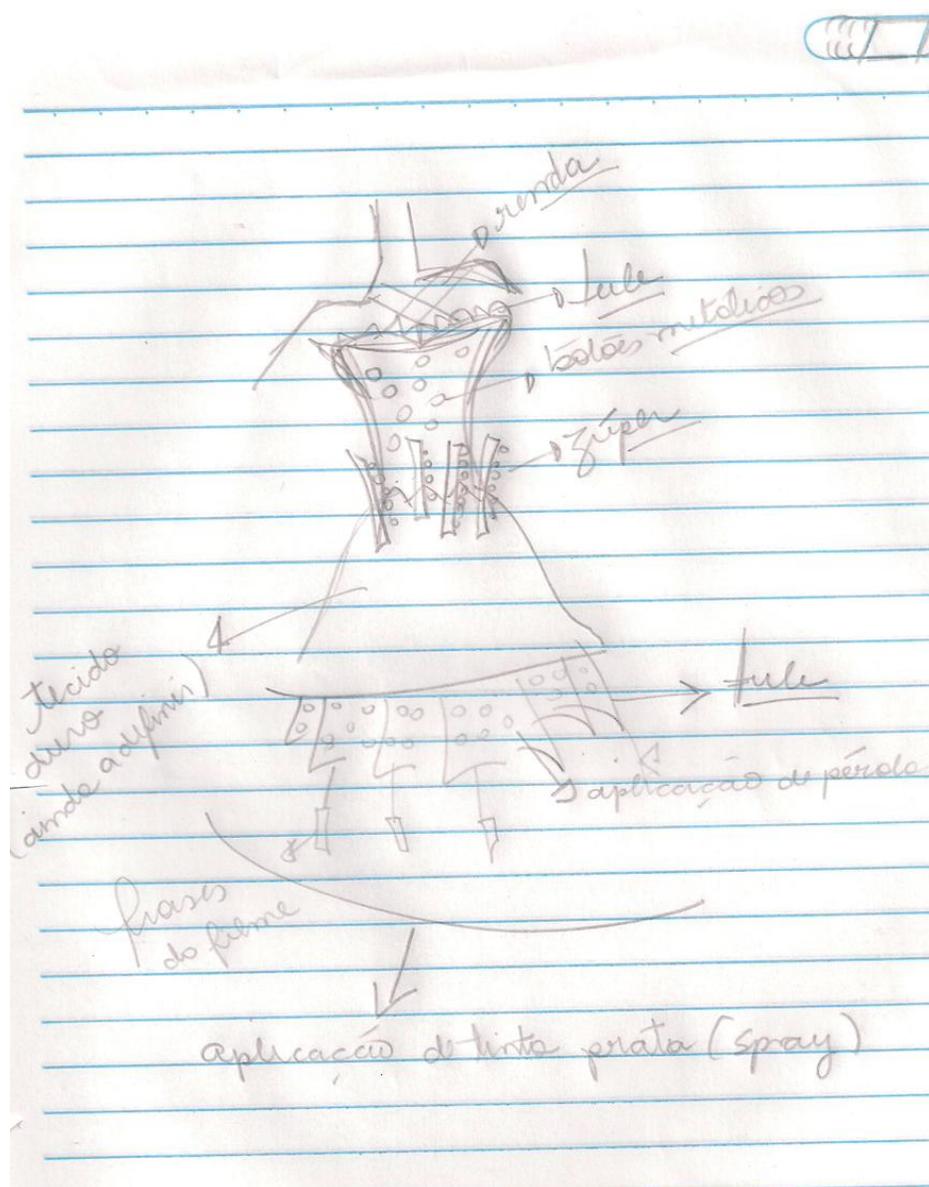


Figura 56: Desenhos a mão para elaboração do modelo a ser produzido, desenho nº 01.
Fonte: Criação da autora.

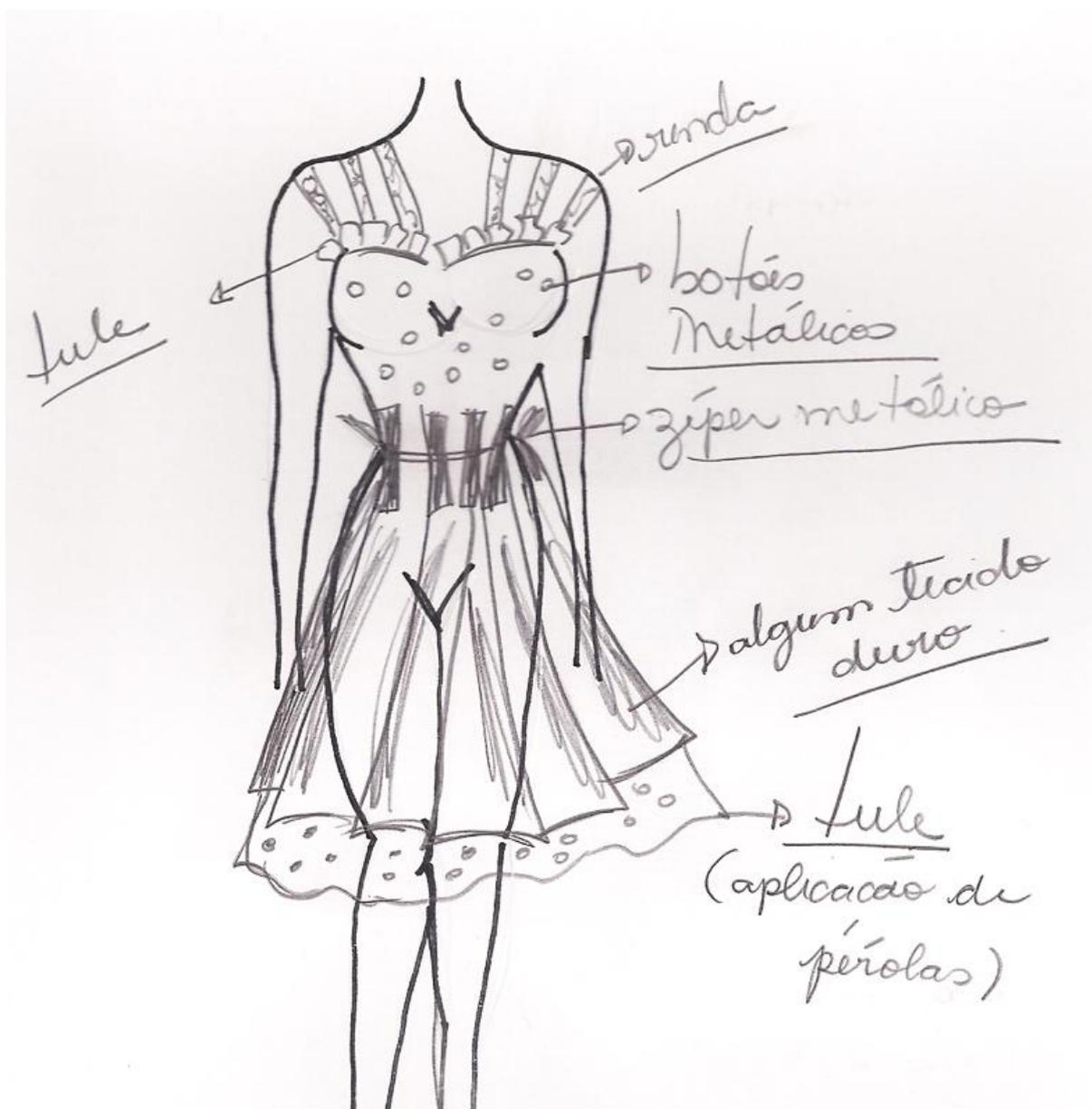


Figura 57: Desenhos a mão para elaboração do modelo a ser produzido, desenho nº 02.
Fonte: Criação da autora.

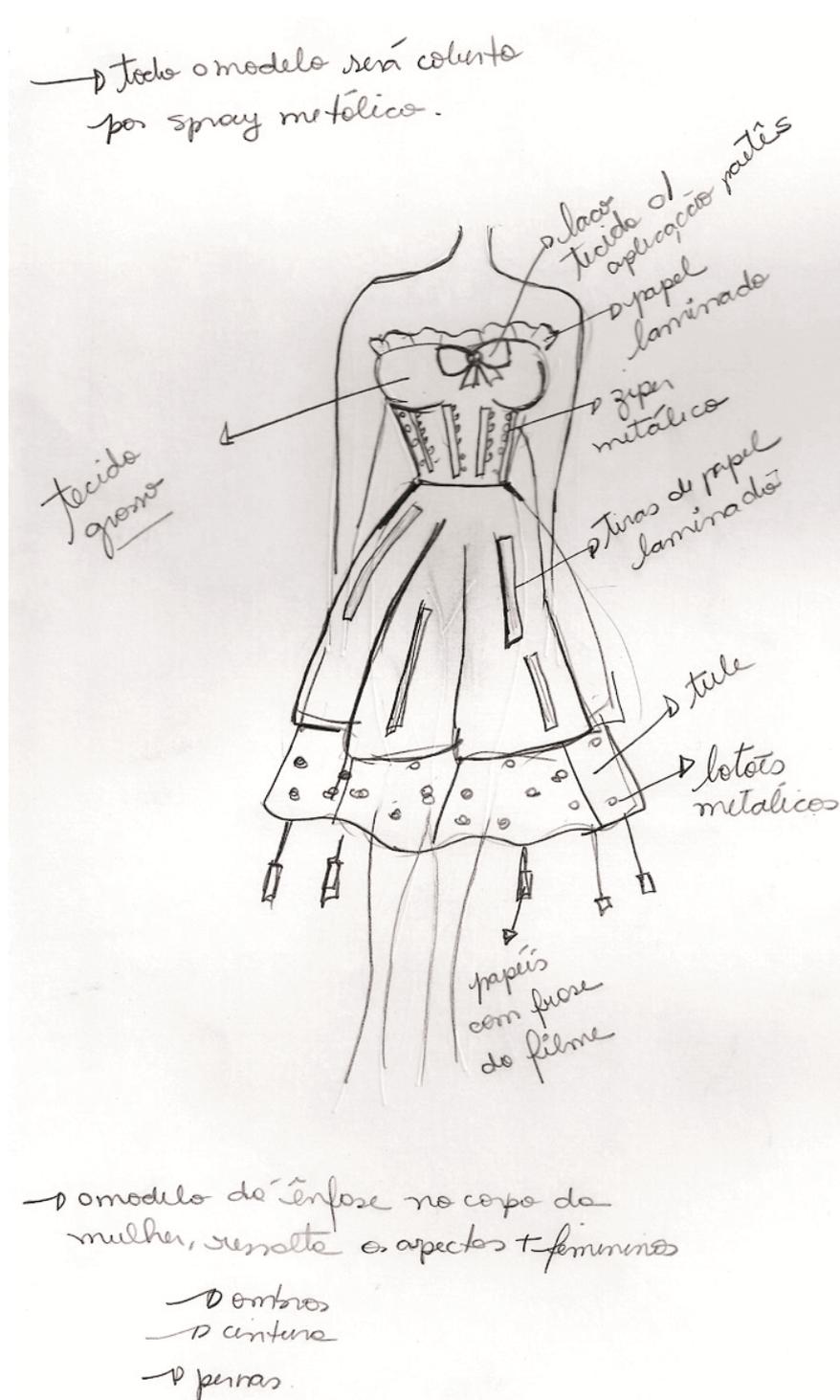


Figura 58: Desenhos a mão para elaboração do modelo a ser produzido, desenho nº 03.
Fonte: Criação da autora.

A segunda fase então seria a decisão sobre qual tecido usar, comprei então uma lona estampada, da qual usei o avesso, pois minha intenção seria depois de costurada, passar uma mão de tinta prateada sobre a superfície do tecido.



Figura 59: Corte e a costura do modelo.
Fonte: Acervo da autora.

Depois da peça fechada, o próximo passo foi costurar alguns arames na parte de dentro, para com isso dar sustentação a peça na altura da cintura. Também fiz aplicação de uma faixa de tule na barra da saia.



Figura 60: Aplicação do tule e de arames internos.
Fonte: Acervo da autora.

Logo após fiz a parte da pintura, onde usei uma tinta spray na cor prata. Com isso começo a moldar minhas idéias para alcançar o melhor resultado possível, que é passar minha mensagem.



Figura 61: Pintura do modelo com tinta spray prata.
Fonte: Acervo da autora.

Após a pintura começo a colocar os elementos que a meu ver reforçarão minhas intenções, na área do busto fiz a colocação de zíperes metálicos, com a intenção de dar mais contorno a cintura e através da cor do metal passar a idéia de força. Na área da saia, utilizei pedaços de papel laminado, e na barra de tule, fixei alguns aviamentos prateados, como botões, fivelas, arrebitos, taxas e outros.



Figura 62: Aplicação dos zíperes e aviamentos.
Fonte: Acervo da autora.

Outra aplicação que fiz foi a de papel laminado na parte superior do busto, em forma de babado, e em linhas retas na área da saia, ao mesmo tempo em que passo delicadeza com o babado, também consigo passar a idéia de dureza e força por conta do material utilizado.



Figura 63: Aplicação de papel laminado na peça.
Fonte: Acervo da autora.

Por fim faço a fixação das frases do filme na barra do vestido, com isso procuro fixar o olhar do espectador procurando uma reflexão entre a leitura das frases e o objeto artístico em si.



Figura 64: Fixação das placas com as falas do filme.
Fonte: Acervo da autora.

O objeto artístico se encontra finalizado tendo algumas mudanças na proposta inicial, mas de modo a atingir o resultado esperado.

6 CONCLUSÃO

Ao fim deste trabalho que me exigiu tanta dedicação e tempo, que me fez pensar em tantas coisas e descobrir tantas novidades, ao fim de tudo isto me pergunto: será que atingi meu objetivo, cheguei ao resultado por mim esperado?

Não é fácil falar de Moda, sobretudo em uma sociedade como a nossa, altamente preconceituosa e machista, onde a moda soa como futilidade, igualmente difícil é falar sobre Cinema e, sobretudo de Arte.

Pois posso afirmar com muita veemência e energia que sim, ambas as linguagens são importantes, e uma importância além do que nos é jogada aos olhos.

A moda como vimos vai muito além da função de vestir, ela vai mais adiante e além de movimentar um mercado muito grande e poderoso, passa também a ser forma de se expressar, de ser, de mostrar ao mundo como você é.

Ela tem o poder de mostrar seus gostos, idade, religião, posicionamento político e muito mais.

No capítulo em que falo sobre a história da Moda, certamente fica claro a importância que a mesma expressa, como ela foi necessária e como se destacou e ainda se destaca no decorrer do tempo.

E se Jorge Coli nos diz que Arte são certas manifestações que nos causam admiração, então aí se encaixa o Cinema.

O Cinema, se fazendo Arte, se apropria de coisas de nosso cotidiano para nos levantar questões, sendo assim tão parecido com nosso cotidiano, tende a nos chamar muito mais atenção, e muito além como percebemos é uma ferramenta para a difusão da moda.

E a Arte, para esta me faltam palavras, não me é fácil falar da mesma, digo que a arte é irônica e compromissada, vai ferir lá no fundo para fazer-nos enxergar e refletir sobre muitas questões.

A Arte consiste no fazer, no planejar, no ter a técnica, no provocar sentimentos, no levantar questões, no admirar, no persuadir, no inquietar, no estranhar, e em muitos outros pontos.

Então através de algumas experiências pessoais, e fazendo a junção destas três tão ricas linguagens, acabo respondendo a pergunta por mim mesma

feita: sim com certeza atingi meu objetivo, consegui traçar uma relação concisa e sólida, de troca e apropriação entre a Arte, a Moda e o Cinema, e com isso criar um objeto artístico que tem um pouco de cada uma destas três linguagens.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. . **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 263 p.

BORGES, G.A. **A Arte Contemporânea**. Disponível em:
<<http://www.musicaeeducacao.mus.br/artigos/gilbertoborgesartecontemporanea.pdf>
>. Acesso em: 10 Mar. 2011

BURTON, Tim. **Alice no País das Maravilhas**. [Filme-vídeo]. Produção de Tim Burton, direção de Tim Burton. Estados Unidos da América, Disney, 2010. 1 DVD / NTSC, 108 min. Color. Son.

COCCHIARALE, Fernando. . **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77p.

CALDAS, Dário. **Observatório de Sinais**: teoria e prática da pesquisa de tendências. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2005. 146 p.

COLI, Jorge; Lars Erik Gustav Unonius. **O que é arte**. 11 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. 131 p.

COUTINHO, G. **O glamour dos vestidos nas telas de cinema**. Disponível em:
<http://www.vitrinecapital.com/comportamento/o-glamour-dos-vestidos-nas-telas-de-cinema/?b_start:int=330&searchterm=j%C3%B3ias>. Acesso em: 28 fev 2011.

DORFLES, Gillo. **A Moda da Moda**. Tradução: Teresa de Campos Coelho. Lisboa: Edições 70, 1974. 121 p.

DUALIBI, T. **O Fenômeno da camiseta**. Disponível em:
<<http://www.antennaweb.com.br/educacao2/artigos/artigo3.htm>>. Acesso em: 12 Abr 2011.

GRUMBACH, Didier. **Histórias da Moda**. Tradução: Dorothee de Bruchard, Joana Canêdo, Flávia Varela e Flavia do Lago. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 456 p.

HONNEF, Klaus. . **Andy Warhol, 1928-1987** : a comercialização da arte. Köln:

Benedikt Taschen, c1992. 95 p.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996. 152 p. (Ofício de arte e forma)

KALIL, Gloria. **Chic: um guia básico de moda e estilo**. 21 ed. São Paulo: SENAC/SP, 2001. 265 p.

LAVER, James. **A Roupas e a Moda: Uma história concisa**. Tradução: Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 285 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 285 p.

LOTMAN, Yuri. **Estética e semiótica do cinema**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

LURIE, Alison. **A Linguagem Das Roupas**. Tradução: Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1997. 285 p.

MARTINS, Rosilda Baron. **Metodologia científica: como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba, PR: Jaruá, 2004.

MENDES, M. C. **Cinema e história da Arte: Uma parceria na compreensão do repertório cultural**. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N72/Varia_72/17_Mendes_72.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2011.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo, I : neurose**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 204 p.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PORTELLA, R. **A Máquina estética: reflexões sobre a arte contemporânea**. Disponível em: <<http://arte.unb.br/7art/textos/ricardoportella.pdf>>. Acesso em: 22 Mar 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 7 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. 114 p. (Primeiros Passos n.103)

SCHULTE, Neide Köhler. Arte e moda: criatividade. **Modapalavra**/Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 48-56, 2002. Anual.

SILVA, Édina Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Disponível em:
<<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/metodologia%20da%203a%20edicao.pdf>>.
Acessado em 7 de Outubro de 2010.